



Instituto Universitário da Maia

**Violência e representações sociais de género: discursos de jovens
imigrantes cabo-verdianos**

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Ana Sofia Neves

Autora: Joana Catarina Martins Torres

Nº 22025

2014

Resumo

O estudo de Pinheiro (2011), que tinha como objetivo “mapear o fenómeno na violência no namoro entre jovens imigrantes de nacionalidade cabo-verdiana” (p.i), indicava que não se verificam diferenças entre sexos no que diz respeito à interpretação da violência no namoro. Mostrou-se assim oportuno estudar qualitativamente as representações sociais sobre as relações de género em Cabo Verde, bem como caracterizar as relações de intimidade juvenil, tendo para isso em consideração a ótica dos jovens imigrados em Portugal. Assim, neste estudo realizaram-se entrevistas com recurso ao *focus* grupo, permitindo assim obter relatos sobre as representações sociais de género por detrás da problemática explorada. Dessa forma, procedeu-se à análise de conteúdo de modo a extrair os resultados pretendidos. Como resultados desta investigação conclui-se que estes jovens se inserem num quadro social de desenvolvimento marcado pela violência e que esta se alarga às suas vivências na intimidade. Verificou-se ainda que os relacionamentos interpessoais destes jovens são marcados por assimetrias sociais de género, que estas são transportadas para as suas relações e que derivam das representações sociais vigentes. Quanto à violência na intimidade, esta adquire níveis considerados preocupantes, atendendo à mutualidade na interpretação e vitimação, bem como à legitimação e banalização da violência. Por fim, verificou-se uma forte ligação entre a população juvenil e o uso das novas tecnologias como um veículo de violência nas relações de intimidade. Considerando-se assim que seria oportuno estudar esta questão em futuras investigações de modo a levantar as consequências provenientes de modo a entender melhor tal fenómeno.

Palavras-chaves: representações sociais, violência, género, cabo-verde, *focus* grupo

Abstract

According to Pinheiro's (2011) study, which had the objective of swot the violence within a relationship between Cape Verdeans young immigrants, there were no differences between sexes when it came to the perpetuation of violence within a relationship. As a result, it became opportune to qualitatively study the social representations on gender relations in Cape Verde, as well as characterized the intimate relations among the youth, taking into account the eyes view of the young immigrants living in Portugal.

Therefore, within this study several *focus group* interviews were made, in order to obtain reports on social gender representations behind this problematic. Secondly, content analyses were made, in order to obtain desirable results. As a result of this investigation, it became clear that these youth group is inserted in a social board of development marked by violence, which transposes to their intimacy. Moreover, the relations between these young groups are marked by social gender asymmetry, and these asymmetries are also present on their relations and that they derive from prevailing social representations. Regarding intimate violence, because of its mutuality and perpetration, as well as, its legitimation and trivialization, has high levels of concern. Lastly, a strong connection between juvenile population and new technologies, proved to be a vehicle to violence within intimate relationships.

Considering this, it is opportune to study this matter on future investigations, in order to obtain a better understanding on this matter.

Key-Words: social representations, violence, gender, Cape Verde, *focus group*

Agradecimentos

Por considerar que na base desta tese está muito mais do que um trabalho individual, e porque reconheço que esta investigação tem tanto de mim quanto do que me é dado pelos que me rodeiam, não poderia deixar de aproveitar para deixar os meus mais profundos agradecimento:

À Professora Doutora Ana Sofia Neves, que fez parte da minha formação superior desde o início e me forneceu um exemplo de humanidade no trabalho. Por me ter apoiado em todos os pequenos passos desta tese e acima de tudo por me abrir horizontes.

Aos jovens que participaram neste estudo e que me abriram a porta para o país deles através de palavras.

À minha avó por ser o meu modelo de coragem, honestidade e Humanidade.

À Raquel, a minha irmã e minha melhor amiga, por fazer parte do que sou e por ser a minha companheira da vida e para a vida.

Aos meus pais por me terem dado realmente uma família.

À minha tia Manuela, por ser mais que uma tia.

Ao João, que me fez descobrir a liberdade de amar e por acreditar sempre em mim.

Ao Francisco, que tantas vezes interrompeu ideias deste trabalho para me dar um abraço apertado à “Ná”.

À Zara, minha irmã em versão canina, por todas as horas de companhia e por dar tanto sem reclamar nada.

Aos meus amigos/as que, longe ou perto, estão sempre presentes.

À Helena Velho e à Ana Bela Couto pelas dicas e disponibilidade para me auxiliarem nas minhas inseguranças na construção deste estudo.

Mais uma vez, a todos/as que se cruzaram comigo neste processo o meu muito obrigada.

Índice

Introdução	1
Parte I.	3
Capítulo I- Migrações cabo-verdianas	3
1. Breve enquadramento histórico	3
2 Ser Imigrante cabo-verdiano em Portugal: a atualidade	4
2.1. Ser jovem imigrante cabo-verdiano em Portugal	5
3. Teorias Explicativas das Migrações	6
3.1. Teorias clássicas da imigração	6
3.2. Teoria do mercado de trabalho segmentado	7
3.3. Teoria da nova economia	7
Capítulo II - Violência no namoro entre os jovens cabo-verdianos	9
1. Estudos sobre a violência no namoro	9
1.1 Estudos sobre a violência no namoro na comunidade cabo-verdiana residente em Portugal	10
2. Teorias explicativas da violência no namoro juvenil	11
2.1. Teoria da aprendizagem social	11
2.2. Teoria do esquema de Género	11
2.3) Teoria dos papéis	12
2.4) Abordagem interaccionista	12
2.5) Perspetiva feminista	13
Capítulo III - Representações sociais	14
1. Teoria das Representações sociais	14
2. Representações sociais sobre as relações de género em Cabo Verde	15
2.1. Representações sociais dos jovens sobre a violência nas relações íntimas em Cabo Verde	17
Parte II	20
Capítulo IV – Método	20
1. Objetivos gerais e específicos	20
2. Perguntas de partida	20

3. Caracterização dos participantes	20
4. Técnicas de recolha de dados	21
5. Procedimentos	21
6. Técnicas de tratamento e análise de dados	22
7. Apresentação dos resultados	22
Parte – III	38
Capítulo V – Discussão dos resultados	38
Capítulo VI – Conclusão	43
Referências Bibliográficas	45

Índice de Abreviaturas:

DGEEC- Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

ICIEG- Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade do Género

SEF- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

Introdução

A violência nas relações de intimidade e mais concretamente no namoro juvenil, acompanha as relações humanas desde os primórdios da Humanidade (Gelles, 1997).

Apesar desta realidade, apenas no século XX, mais propriamente na década de 60, se iniciam as teorizações acerca deste tema pela comunidade científica internacional. No nosso país esta onda de interesse e preocupação com este problema é ainda mais tardia, verificando-se só a partir dos anos 90 (Caridade, 2011).

Os primeiros estudos sobre a violência no namoro juvenil foram efetuados com a população universitária, porém rapidamente se verificou a transversalidade do fenómeno que não escolhe idades ou nacionalidades (Matos, 2006).

Em Portugal a população cabo-verdiana residente é um grupo incontornavelmente expressivo dentre as nacionalidades de imigrantes. A sociedade cabo-verdiana confronta-se com graves problemas ao nível da violência, dentre os quais a violência de género no seio familiar. Esta está alicerçada em problemas estruturais resultantes da intersecção de fatores característicos da própria identidade cultural e das histórias individuais dos sujeitos (Silva, 2011). Apesar desta situação, pouco ainda se sabe acerca da violência de género, e nomeadamente da violência no namoro, praticada no interior da comunidade cabo-verdiana imigrada em Portugal.

Estudos recentes (Pinheiro, 2011) sugerem que a violência na intimidade entre os jovens é uma realidade preocupante, sendo ambos os sexos simultaneamente agressores e vítimas. Neste contexto específico, os níveis de violência apresentam especial gravidade, havendo uma postura de banalização e legitimação da violência. Face aos resultados destes estudos, parece haver agora lugar para que se elabore uma reflexão, de natureza qualitativa, sobre os motivos que estão na base das conceções que permitem tais práticas.

Sabendo que a violência na intimidade juvenil é um preditor relevante da violência doméstica (Oliveira & Sani, 2009), mostra-se urgente entender as raízes deste fenómeno como uma possível forma de prevenir a extensão do mesmo.

O presente trabalho encontra-se dividido em três partes que se subdividem em seis capítulos. A primeira parte (nomeadamente os capítulos I, II, III) objetiva efetuar uma revisão teórica que permita enquadrar os temas em análise.

Desta forma no primeiro capítulo pretende-se apresentar uma visão global acerca dos processos migratórios cabo-verdianos para Portugal, fazendo-se um enquadramento geral do perfil atual do/a imigrante cabo-verdiano em Portugal, através de uma rápida abordagem à história e às teorias explicativas das migrações. Ao segundo capítulo reservou-se a questão da

violência no namoro, onde se ambicionou expor o conceito, as teorias explicativas e a elaboração de uma moldura em torno do fenómeno na população cabo-verdiana. E por fim, o terceiro e último capítulo descrevem a teoria que esteve na base desta investigação, a Teoria das Representações Sociais, bem como os estudos sobre as representações das relações sociais de género da população cabo-verdiana.

Relativamente à segunda parte do estudo, reservou-se à descrição do método utilizado, expondo-se os objetivos gerais e específicos da investigação; as perguntas de partida; a caracterização dos/as participantes; a técnica de recolha de dados utilizada; os procedimentos; as técnicas de tratamento e análise de dados e no final a apresentação dos resultados das entrevistas.

Por último, na terceira parte apresentamos a discussão de resultados e a conclusão da investigação.

Parte I

Capítulo I – Migrações Cabo-Verdianas

1. Breve enquadramento histórico

Quando se discutem as migrações, debate-se um tema de grande abrangência que pode estar relacionado com a simples mobilidade ou com múltiplos entendimentos sociais. As migrações podem ser de vários tipos e motivadas por múltiplas situações. Podem ser temporárias e, neste caso, caracterizáveis por intervalos de tempo diversos, ou podem advir de desastres naturais, provir de cenários políticos ou representar apenas opções estritamente independentes e particulares (Rocha-Trindade, 2000).

No caso de Cabo Verde, os processos migratórios são um produto do país. As constantes partidas, chegadas e contactos transnacionais fazem com que os seus nativos olhem para a migração como parte da vida, de certo modo até necessária e natural (Andall, 2008, Carling, 2004; Carling & Akesson, 2009).

No século XV, mais propriamente por volta de 1460, os portugueses chegaram a Cabo Verde iniciando aí um processo de colonização (Carling & Akesson, 2009; Gibau, 2005; Góis, 2006). A partir do século XIX a comunidade cabo-verdiana começou a imigrar para Portugal (Carling & Akesson, 2009; Góis, 2006 Peixoto, 2004), tornando-se este fluxo mais ativo a partir dos anos trinta do século XX.

Góis (2008) destaca três ciclos migratórios cabo-verdianos para Portugal. O primeiro ciclo surge pela escassez de mão-de-obra em Portugal gerada pela Guerra Colonial (Grassi, 2007). O país viu-se obrigado a oferecer convites de emprego e muitos jovens Cabo-Verdianos, sobretudo homens, rumaram a Portugal para trabalhar na construção civil e nas obras públicas (Batalha, 2008; Carling, 2002; Carling & Akesson, 2009; Góis, 2008).

Com a queda do regime fascista em Portugal, em 25 de Abril de 1974, e com o processo de descolonização (Grassi, 2007), iniciou-se uma segunda fase. Esta nova realidade constituiu uma oportunidade para os jovens cabo-verdianos, com menos recursos (Grassi, 2007), ainda que com constrangimentos para os repatriados cabo-verdianos com nacionalidade portuguesa ou com ascendência cabo-verdiana. À semelhança da primeira fase, a última fase que teve início nos anos 80 até a atualidade, é motivada pela procura de trabalho. (Góis, 2008). Os empregos precários e sem contrato (Machado & Abranches, 2005) foram progressivamente dando lugar a uma maior estabilidade (Beiser, et al., 1988), ainda que a precariedade continue a marcar a vida de muitos trabalhadores (Machado & Abranches, 2005).

Pode-se observar que, relativamente à história de Cabo Verde, um dos fenómenos mais antigos e estáveis desta sociedade é precisamente a migração da população desde a sua descoberta até aos dias de hoje, ainda que a causa para o início destas migrações tenha sido a escravatura (Góis, 2006).

2. Ser imigrante cabo-verdiano em Portugal: a atualidade

A comunidade cabo-verdiana é uma das mais representativas da população imigrante em Portugal, constituindo a terceira população estrangeira mais numerosa, surgindo após o Brasil (105 622) e a Ucrânia (44 074). No ano de 2012, de acordo com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF, 2012), havia cerca de 42 857 cabo-verdianos - 22 657 mulheres e 20 200 homens - a residir em Portugal, sobretudo nos distritos de Lisboa, Setúbal e Faro.

Segundo Batalha (2008) a comunidade cabo-verdiana pode ser caracterizada em dois sentidos: a classe que quando imigrou possuía educação secundária e superior a que tinha pouca instrução. Quanto à primeira, descrita como uma elite, teve a oportunidade de obter, na maioria dos casos, uma vida mais confortável. A segunda veio para Portugal na esperança de uma vida melhor e foi sendo, na generalidade, alojada em bairros de cariz social.

De um modo geral, o perfil do cabo-verdiano imigrante em Portugal enquadra-se no perfil do trabalhador do mercado secundário, com reduzidas possibilidades de sair deste sistema. Embora com o passar dos anos uma grande parte destes imigrantes tenha conseguido melhores empregos, com contrato de trabalho estável, denotando-se um progresso, não desapareceram os casos de imigrantes que residem há décadas em Portugal e continuam em situação de precariedade, com todas as implicações pessoais e familiares que esta situação acarreta (Batalha, 2008).

A realidade é que, em Portugal, uma grande parte dos imigrantes proveniente de Cabo Verde parece sofrer de segregação social. As mulheres têm de competir por uma posição, habitualmente no setor das limpezas, com imigrantes de outras nacionalidades, havendo evidências de exploração salarial (Batalha, 2008). Por último, segundo Maio (2013) parece ainda existir uma franja desta população que é sem-abrigo, apesar de ainda estar em idade ativa, estando a maioria a viver nas ruas há mais de um ano.

A própria integração social das comunidades migrantes tem limitações. As suas identidades sofrem neste processo uma reestruturação, que em alguns casos acaba por se dar em comunidades particulares com as quais há identificação (eg. comunidades de imigrantes) (Mama, 2010). Aparentemente, estes sujeitos que vieram em busca dos seus sonhos vivem numa constante corrida por um lugar numa sociedade que teima em não os aceitar.

2.1. Ser jovem imigrante cabo-verdiano em Portugal

Apesar das transformações sociais das últimas décadas, os/as jovens cabo-verdianos residentes em Portugal ainda sofrem atualmente graves problemas de integração social (Machado, 1994; Santos, Mendes, Rego & Magalhães, 2006). De um modo geral, mesmo já tendo nascido em Portugal, os jovens tendem a ser discriminados e olhados como “africanos”, tendo muitas vezes fraco aproveitamento escolar (Batalha, 2008; Ferreira, 2008).

Segundo Horta e Malheiros (2004), a maioria dos/as cabo-verdianos/as residentes em Portugal encontra-se em idade ativa e, aproximadamente metade destes encontra-se entre os 15 e 39 anos. Estes jovens veem em Portugal a possibilidade de uma vida melhor, possibilidade de progresso nas suas carreiras académicas, ou até tentam seguir as pisadas dos pais e procurar fora do seu país uma nova vida (Santos, Mendes, Rego & Magalhães, 2006).

A situação do ensino em Cabo Verde (e.g., número reduzido de estabelecimentos de ensino, difícil acesso a recursos, entre outros) faz com que muitos jovens que querem prosseguir os seus estudos o façam no exterior, nomeadamente em Portugal (Batalha, 2004; Subuhana, 2009).

A existência de acordos de cooperação entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), que oferecem um regime especial para estudantes que pertençam a estas comunidades, a existência de bolsas financiadas por Entidades Públicas e Privadas (e.g., Câmaras Municipais, Fundação Gulbenkian) e a questão do próprio idioma ser compartilhado (Mourato, 2011), facilita a sua saída para outros países, nomeadamente para Portugal. A todos estes fatores acresce o passado ligado à deslocação da população residente no então Espaço Colonial português para Portugal (Pedreira, 2013).

Segundo os dados da Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2013), relativos ao perfil do aluno respeitante ao ano letivo de 2011/2012, encontravam-se matriculados/as ou inscritos/as em escolas portuguesas 14340 alunos/as de nacionalidade cabo-verdiana, desde o Ensino Básico até ao Ensino Superior. Quanto a este último é de salientar que a maioria dos/as jovens se encontrava a frequentar, por ordem decrescente de matriculados/inscritos: licenciatura, mestrado integrado, mestrado e doutoramento.

Cabo Verde é a nação estrangeira que surge em segundo lugar, logo a seguir ao Brasil, a quem são atribuídos mais diplomas no Ensino Superior em Portugal, sendo que em 579 diplomas 249 foram atribuídos a homens e 330 a mulheres (Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, 2013).

De uma forma muito geral os/as jovens cabo-verdianos/as, independentemente do motivo da deslocação para Portugal, enfrentam desigualdades que se iniciam desde logo nas esco-

las. Estas não oferecem flexibilidade no sentido de assegurar a igualdade de oportunidades, nem encorajam o sucesso escolar (Albuquerque, 2000). É uma situação que poderá refletir-se em dificuldades escolares (e.g., insucesso escolar, absentismo), problemas de inserção no mercado de trabalho e adoção de comportamentos desviantes (Machado, 2008; Santos et al., 2006). Com base no sentimento de exclusão, muitos/as jovens cabo-verdianos/as abandonam a escola em busca de uma forma rápida de ascensão social (Batalha, 2004).

3. Teorias Explicativas das Migrações

Para se conseguir uma visão das migrações cabo-verdianas e das suas particularidades, é necessário que primeiro se entenda que todos os processos migratórios se inserem num plano explicativo de migrações globais (Góis, 2006). Desta forma passa-se a expor algumas bases teóricas gerais e a sua aplicação ao contexto cabo-verdiano.

3.1. Teorias clássicas da imigração

Quando abordadas as teorias clássicas das migrações, é necessário referir o trabalho académico de Ravenstein (1885), autor das perspetivas *push-pull* (Haas, 2008; Góis, 2008). Segundo Góis (2008) este modelo é um dos mais utilizados na explicação da imigração cabo-verdiana para Portugal, já que incide sobre aspetos relacionados com a atração económica.

De uma forma geral Jackson (1991) indica que na base dos fatores repulsivos estão problemas económicos (e.g. o desemprego, os baixos salários e o baixo nível de vida ea falta de meios de subsistência); a reduzida possibilidade ou acessibilidade a terras; problemas climáticos e problemas de ordem política e demográficos de excesso populacional. No outro lado da balança situam-se os fatores de atração, que se ligam com um panorama inverso onde há procura de mão-de-obra, disponibilidade de terra, liberdade política e um nível de vida elevado (Jackson, 1991).

Segundo Góis (2006), as teorias clássicas têm sido usadas para explicar a imigração cabo-verdiana. O autor refere que no caso de Cabo Verde, se a questão for perspetivada a partir da sociedade de origem, há uma ação inversa ao modelo *push-pull* e acontece uma ação repulsão-atração, melhor justificada pelas más condições geoclimáticas e pelo desenvolvimento socioeconómico, que pelas fracas ofertas de qualidade de vida levam a sua população a abandonar o seu país (Góis, 2006).

3.2. Teoria do mercado de trabalho segmentado

Dentro das orientações do modelo *push-pull*, um dos fatores considerados é a vertente económica, nomeadamente a falta de emprego como um fator repulsor e a oportunidade da integração no mercado de trabalho como um fator de atração para as migrações (Góis, 2006). Desta forma, parece fazer sentido a ligação entre processos migratórios e o mercado de trabalho internacional (Góis, 2006).

A teoria do mercado de trabalho segmentado considera que há dois segmentos principais que constituem o mercado de trabalho: o mercado primário, que é caracterizável pela estabilidade, bom estatuto social, bons ordenados e proteção social; e o mercado de trabalho secundário que constitui o oposto do primário (Dicken & Lang, 1988; Peixoto 2008; Reich, Gordon & Edward, 1973; Souza, 1978).

Assim, a população residente em países menos desenvolvidos tende a dirigir-se para os países mais desenvolvidos, vendo o mercado de trabalho secundário como um fator de atração (Peixoto, 2008). Isto acontece porque, por norma, a população de países mais desenvolvidos rejeita condições de trabalho precárias. Já os imigrantes, apesar de percecionarem a precariedade deste mercado, veem aqui um ponto de partida para uma possível ascensão social futura (Peixoto, 2008).

3.3. Teoria da nova economia

Apesar do reconhecimento dos estudos migratórios neoclássicos, a verdade é que com a “nova economia” surge uma nova forma de abordar o estudo dos processos migratórios (Sasaki & Assis, 2000).

Segundo Stark (1991, citado em Góis 2006) esta abordagem entende as migrações não como um processo isolado e individual, mas sim como um projeto resultante de uma ponderação coletiva, nomeadamente da família. Nesta abordagem não é o individuo que produz um plano migratório para melhorar as suas condições de vida, mas sim a família enquanto coletivo. Assim, o processo migratório é partilhado e considera-se que existe, de certa forma, uma espécie de acordo entre todos, considerando-se que esta é uma ação conjunta. Este tipo de postura perante o processo migratório pressupõe um espírito de apoio e responsabilidade na deslocação alargado à família (Stark, 1991 citado em Góis, 2006).

Em suma, verifica-se que a imigração cabo-verdiana é uma realidade que acompanha a história deste país sendo que mais recentemente, na fase contemporânea, se assistiram a três fases migratórias muito específicas. Estas iniciaram-se substancialmente com a população masculina para apoio familiar e melhoria de condições de vida; passando por uma segunda

fase resultante de reestruturação de Cabo Verde proveniente do processo de descolonização; e por fim a terceira fase onde se assiste à afirmação feminina nos projetos migratórios e onde estes projetos evoluem para um outro nível, o da realização pessoal. Nos dias que correm, em Portugal, verifica-se entre os imigrantes cabo-verdianos um maior número de mulheres e de jovens. Embora seja possível apontar causas várias para a imigração destas/es, no caso específico dos/as jovens, verifica-se que essencialmente se deve à procura de uma melhor qualidade de vida, nomeadamente através da aposta na qualificação, que muitos procuram a nível educacional em Portugal. Deste modo, parece possível aplicar no caso dos/as jovens, a teoria *push-pull* dado que se verifica uma necessidade de partida por parte da população juvenil, tendo por base a falta de respostas que o seu país tem para lhes oferecer.

Capítulo. II - Violência no namoro entre os jovens cabo-verdianos

A violência sempre fez parte da interação humana (Gelles, 1997; Magalhães, 2010). No âmbito dos relacionamentos de intimidade, Coelho e Machado (2010) sugerem que a violência juvenil se caracteriza por comportamentos que visem assumir o poder na relação, por forma a magoar e/ou controlando o/a parceiro/a, podendo adquirir forma de violência física, psicológica, sexual ou *stalking*. Quanto a este tipo de violência sabe-se que, usualmente, não constitui uma ocorrência isolada e que os números de episódios violentos aumentam progressivamente com o tempo, bem como os intervalos entre estes tendem a ser cada vez menos espaçados (Hamberg & Holtzworth-Munroe, 1944). Relativamente à prática de violência nas relações, verificou-se um esquema cíclico, o qual se apelida de “ciclo da violência”, e que, mesmo sendo verificado nas relações íntimas adultas, não deixa de ser importante referir, e que é composto por três fases: fase do aumento da tensão, fase do episódio violento e a fase da “lua-de-mel” (Walker, 2009).

Os relacionamentos juvenis são ainda caracterizáveis por dinâmicas de chantagem emocional, isolamento ou ameaças, estando assim dentro do âmbito da violência psicológica, que embora pouco visível é considerada a mais frequente neste tipo de violência (Coelho & Machado, 2010). Além da violência psicológica existe ainda a violência na forma física que se caracteriza por uso da força física ou ameaça, para causar dor a outra pessoa; e a forma sexual que pode ocorrer sob o formato de coerção ou violação, tendo estes comportamentos como fim a prática sexual forçada, podendo para isso recorrer a insistência, ameaça ou uso da força física (Garrido 2001; Paiva & Figueiredo, 2004; Samson, 2010).

1. Estudos sobre violência no namoro

Em Portugal o estudo da violência na intimidade juvenil é ainda muito recente, remetendo-nos para a década de 90 do século passado, embora se venha a observar desde então um investimento progressivo no estudo deste fenómeno (Caridade & Machado, 2006). De uma forma muito geral, a investigação nesta área em território nacional pode ser dividida em duas linhas de investigação: a que se direciona para programas de prevenção primária junto de jovens do ensino secundário; e outra mais virada para a caracterização do fenómeno (Caridade, 2011).

Das investigações nacionais efetuadas, encontramos um estudo acerca da “agressividade no namoro adolescente” (Lucas, 2002) dando conta de os rapazes recorrem mais à violência física e que tendem a recorrer a formas de violência mais severa, conclusão partilhada com outro estudo nacional, posterior, de Oliveira e Sani (2005). Relativamente às raparigas julga-

se que estas investem mais nas agressões verbais. Em termos etários, verificou que os jovens mais velhos tendem a ser mais agressivos (Lucas, 2002). Apesar destas conclusões, outro estudo nacional vem afirmar que usualmente a violência na intimidade juvenil ocorre sob formas “menos gravosas” (Mendes 2006). Por fim, há ainda a inferência que aponta para que a qualidade dos relacionamentos esteja intimamente ligada a circunstâncias individuais, relacionais e socioculturais, alertando para a importância que os padrões de vinculação seguros vivenciados na infância, representam no desenvolvimento de relações íntimas saudáveis (Paiva & Figueiredo, 2003).

1.1. Estudos sobre violência no namoro na comunidade cabo-verdiana residente em Portugal

Em Portugal são poucos os estudos que retratam a violência no namoro em comunidades imigrantes. Uma investigação recente realizada com jovens imigrantes cabo-verdianos (Pinheiro, 2011), vem corroborar a ideia de que a maioria das relações de intimidade juvenil é pautada por dinâmicas agressivas, algumas delas bastante graves (e.g., apertar o pescoço). Quanto à violência emocional, a população cabo-verdiana recorre, mais usualmente, ao insulto, à difamação e à ação de partir ou danificar alguma coisa de modo intencional (Pinheiro, 2011). O mesmo estudo nega ainda a existência de assimetrias de género quanto à prática da violência, criando assim uma base para afirmar que nesta população a violência tende a ser recíproca. A banalização e legitimação da violência nesta população está presente, justificando-se na maior parte das vezes pela conduta da mulher (Pinheiro, 2011). Os homens tendem a legitimar mais facilmente a violência psicológica praticada por outros homens do que por pessoas do sexo feminino. (Pinheiro, 2011).

Um outro estudo de Cruchinho (2012), que analisou jovens portugueses/as e imigrantes, concluiu que a violência no namoro está presente nos relacionamentos entre os/as jovens e adolescentes, não apontando diferenças significativas relativamente à perpetração e vitimação. Acrescenta ainda que os rapazes demonstram mais tendência para violência física, embora aleguem em simultâneo o estatuto de agressores e vítimas. Este estudo que contempla jovens imigrantes, revela que os adolescentes que foram vitimados nos seus relacionamentos, tomam *a posteriori* a posição de agressores em futuros relacionamentos, não voltando a ser vitimados (Cruchinho, 2012).

2. Teorias explicativas da violência no namoro juvenil

Apesar de existir atualmente algumas correntes explicativas da violência íntima, as mesmas têm-se revelado insuficientes para explicar o fenómeno entre a população juvenil. Estas abordagens divergem consoante o contexto social analisado (e.g., família, pares) e a ênfase sobre certas variáveis estruturais, situacionais, culturais e psicológicas (Mahlstedt & Welsh, 2005).

2.1. Teoria da aprendizagem social

A teoria da Aprendizagem Social baseia-se na ideia de que a aprendizagem é feita por observação e reprodução (Bandura, 1971). Segundo esta perspetiva, a aprendizagem pode ocorrer através de três mecanismos: a associação, o reforço e a aprendizagem observacional (ou imitação) (Neto, 1998). A associação é um mecanismo de estímulo-resposta. Assim, as pessoas aprendem que para determinado estímulo é esperada certa resposta, que segundo as Teorias de Pavlov são apelidadas de reflexo (Ries, 2003); o reforço remete-nos para que a aprendizagem se baseie numa sistema de recompensas e castigos sobre determinados comportamentos conforme estes sejam aceitáveis ou não (Neto, 1998); e a aprendizagem observacional admite que o comportamento é adquirido por observação dos semelhantes, ou seja, pela imitação (Bandura & Walters, 1963).

Segundo esta perspetiva, o processo de socialização nas crianças inicia-se com a aprendizagem dos significados vigentes no grupo onde elas se encontram inseridas (Shibutani, 1961). Nesta linha de pensamento, podemos afirmar que os comportamentos desadequados que são absorvidos pela interação social, nomeadamente em casa, podem ser reproduzidos pelos/as adolescentes nas suas relações. Neste caso específico, a violência pode mesmo ser um espelho do que o/a adolescente observou na relação dos progenitores- violência intergeracional (Balista, Basso, Cocco & Gaibe, 2004).

2.2. Teoria do esquema de Género

Esta teoria, que vai buscar alguma da sua base às raízes da teoria da aprendizagem social, vem afirmar que os esquemas de género de cada pessoa influenciam a sua maneira de estar e pensar (Neto, 2000). Assim, quando falamos em esquemas de género, estamos a referir-nos à forma da pessoa organizar crenças e de se posicionar em relação às expectativas que elas mesmas criam do seu género (Neto, 2000). Neste caso, quanto mais conservadoras forem as noções de um indivíduo acerca do género, mais fortes e preponderantes serão este tipo de crenças no seu comportamento (Neto, 2000). Assim, no exercício da função patriarcal, os

homens tomam o poder de determinar as condutas das categorias sociais que devem ser adotadas, sendo este poder autorizado e/ou tolerado socialmente como forma de punição ao que lhes sugerir desvio (Saffioti, 2001). Isto pressupõe que para que se cumpra toda a função patriarcal de dominação-exploração, baseada numa concepção social sexista, se justifique a violência para garantir a obediência a estes cânones (Saffioti, 2001).

2.3. Teoria dos Papéis de Género

A teoria dos papéis de género remete-nos para a observação do papel que outra pessoa tem num determinado contexto social. No entanto, esta análise terá de ser feita tendo em conta as expectativas que a sociedade tem sobre o sujeito, bem como as normas vigentes no seu processo de socialização (Neto, 1998). Os pressupostos epistemológicos desta teoria assentam no princípio de que o sujeito desempenha um papel segundo um padrão socialmente espectável. Acrescenta ainda que o comportamento não é o único fator a ter em conta, é necessário analisar ainda as crenças e as atitudes (Michener, DeLamater, Myers, 2005). Assim, refletindo acerca das expectativas dos papéis de género, podemos constatar que na sociedade a realidade patente revela-nos muitas situações em que se reproduz a desigualdade social, nomeadamente no que toca às expectativas sociais sobre o comportamento, diferenciado, de homens e mulheres (Gomes, Diniz, Araújo, Coelho, 2007). Em muitas culturas patriarcais os papéis de género valorizam o homem e colocam a mulher num patamar inferior, existindo papéis socialmente impostos a cada uma das partes (Gomes, Diniz, Araújo, Coelho, 2007). Assim, podemos ainda realçar que esta assimetria nos papéis pode constituir um modelo familiar pautado por violência intergeracional, com tendência a ser reproduzido, designadamente na adolescência e nas relações deste grupo (Gomes, Diniz, Araújo, Coelho, 2007).

2.4. Abordagem interaccionista

A abordagem interaccionista surge no final do século XX e defende que o género é uma construção social, negando a ideia que este seja uma característica pessoal e linear (Dias & Machado, 2008). No caso específico da temática da violência, esta é muitas vezes associada ao expectável para um individuo do sexo masculino. Por este motivo, estes sujeitos podem encontrar na violência uma afirmação de masculinidade, havendo até uma certa pressão social para tal, sendo que alguns autores chegam até a considerar que a exploração do sexo feminino por homens se deve a uma ideia de afirmação masculina e subordinação feminina (Dias & Machado, 2008). A questão do género, segundo os interaccionistas, é uma condicionante na forma como se entende a temática da violência. Para muitos, a violência perpetrada por uma

mulher não é igual à que os homens praticam, isto porque em muitos casos, a violência de autoria masculina é legitimada e compreendida pela sociedade em geral (Dias & Machado, 2008).

2.5. Perspetiva feminista

Na década de 70 há um ressurgimento dos movimentos feministas que permitiu às mulheres expor, publicamente, as barreiras pessoais, legais e sociais que lhes condicionavam a vida, revelando a sua vida inserida em contextos de violência e o impacto profundamente negativo que este tipo de agressão refletia na sua realização e felicidade (Kilpatrick, 2004). Assim, os movimentos feministas tomaram sobre si o compromisso de gerar conscientização social e política, lutando por reformas legais, políticas, e prestando apoio às vítimas desta violência, trabalhando ainda na prevenção destes casos. O apoio à vítima prestado, foi construído com especial enfoque nos casos de violência praticada pelo parceiro íntimo (Kilpatrick, 2004).

Relativamente à perspetiva feminista, esta procura entender as dinâmicas de género que estão na base do sexismo e da violência contra as mulheres, refletindo assim sobre os impactos que as representações sociais de género podem ter na intimidade juvenil e adulta (Neves, 2008; Neves & Fávero, 2010).

Desta forma, no presente estudo usaremos como matriz de análise a teoria da interseccionalidade (Crenshaw, 2002), uma perspetiva feminista que permite analisar várias categorias identitárias, nomeadamente sociais e culturais e as suas interações como causadoras e agravantes de desigualdades sociais (Nogueira & Oliveira, 2010).

Capítulo. III - Representações sociais

O ser Humano tem a necessidade de entender as dinâmicas do mundo à sua volta. Para viver socialmente tem de existir um ajuste, um caminho, uma localização física ou intelectual, uma forma de descodificar e encontrar soluções para dar resposta ao mundo que o rodeia (Jodelet, 1989). Os seres Humanos não são uma programação de interações, não estão sós, vivem em partilha da sua verdadeira casa, o Mundo, e como tal funcionam apoiando-se nesta realidade. É aqui que se encontra a essência das representações sociais e a sua importância na vida das pessoas, pois estas orientam o modo como se classificam e definem, de forma integrada, as situações do dia-a-dia, o modo como as decifram e como se posicionam (Jodelet, 1989).

1. Teoria das representações sociais

O conceito de “representação social” deriva de um estudo de Moscovici (1961) que pretendia entender a forma como as noções da psicanálise, que causaram forte impacto nas décadas de 40 e 50, se tornaram um fenómeno de tal magnitude que originou uma transformação e apropriação social (Moscovici, 1961;Vala & Monteiro, 2006). Para o autor (Moscovici, 1961), as representações sociais são uma maneira de organizar o nosso conhecimento da realidade, sendo a própria realidade socialmente construída. Tal conhecimento elabora-se a partir dos nossos próprios códigos de interpretação, culturalmente marcados, e constitui, neste sentido, um fenómeno social em si mesmo. Elas dão lugar a uma construção, ou reconstrução da realidade, integrando de maneira específica a dimensão psicológica e social (Fischer, 2002).

Assim, as representações sociais podem ser definidas como um sistema de valores, noções e práticas relativas a objetos, aspetos ou dimensões do meio social, que não só permitem a estabilização não só do quadro de vida dos indivíduos e dos grupos, mas também, um instrumento de orientação, de perceção de situações e de elaboração de respostas (Moscovici, 1961, p. 18).

Na formação das representações sociais, Moscovici (1961) salienta a existência de dois pilares: a objetivação e a ancoragem. A objetivação é um processo onde se dá forma ao abstrato, onde se materializa uma ideia, e por isso é um acontecimento que estrutura uma situação imagética (Jodelet,1984), conseguida no seguimento de três fases: a construção seletiva, a esquematização e a naturalização (Moscovici, 1961). Quanto à construção seletiva esta começa por ser como um filtro que ressalva algumas informações que são assim selecionadas, reorganizadas e recuperadas pelos indivíduos de forma reestruturada (Fischer, 2002); o esquema figurativo, pressupõe que existe uma esquematização estruturante composta por noções básicas, compondo uma representação, sendo que essas noções são organizadas de maneira a for-

mar um padrão relacional organizado (Vala & Monteiro, 2006); e a naturalização, ocorre quando os elementos figurativos passam a ser claros, ou seja, passam de elementos do pensamento para categorias da linguagem e da compreensão a nível social, sendo então categorias sociais (Moscovici, 2003).

Por outro lado, a ancoragem é um processo onde se identifica algo estranho ao sistema de categorias pré-existente e se procede à comparação com elas, na tentativa de ajustar a situação estranha a algo familiar (Moscovici, 2003). Porém, neste momento de comparação do objeto ou da ideia com uma categoria, estes passam a deter também características dessa categoria havendo uma moldagem para que seja possível que esta ideia/objeto se enquadre na mesma. Assim, ancorar é classificar e atribuir uma designação a alguma coisa que não está classificada ou não tem nomenclatura atribuída, sendo portanto, estranha (Moscovici, 2003). O desconhecido gera nas pessoas resistência e distanciamento, e a identificação desta situação estranha com uma classificação ou rotulação é pois a aproximação ao anónimo. Logo, pelo facto de identificar o que não tinha classificação, passa-se a poder representar, abre-se portas à capacidade da imaginação representar o que está a ser falado, sendo assim familiar às classificações já existentes (Moscovici, 2003).

Este enquadramento permite entender que as estruturas culturais assumem um papel válido na explicação de situações de violência e que, se estas situações se encontrarem nos processos de socialização dos jovens, possam não ser identificadas por eles/as como constituindo formas de violência (Dias, 2006).

2. Representações sociais sobre as relações de género em Cabo Verde

Quando é estudado um povo, é necessário ter presente a importância de compreender a evolução e a organização da sociedade em estudo, isto porque as diferenças sociais verificam-se posteriormente em representações sociais também diferentes (Cabecinhas & Amâncio, 2004).

Atualmente ainda assistimos a representações de género distintas, quer seja de natureza, de responsabilidades ou de funções e que contradizem o cariz neutro em que muitas sociedades dizem estar alicerçadas (Vicente, 1998). Estas relações assimétricas e desequilibradas na relação de género, também se encontram muito patentes nas abordagens aos problemas juvenis, embora mais uma vez as sociedades tendam a afirmar que vigora um modelo igualitário (Vicente, 1998). No caso do estudo de representações de uma população é importante ter presente que estas são construídas de modo conivente com as estratégias do grupo e, ainda que elas funcionam como justificação para os comportamentos grupais. Portanto, é necessário

olhar as situações sempre à luz da ideia de que as representações sociais funcionam como justificção para as ocorrências nas interações sociais (Jodelet, 1989). E, por outro lado nunca esquecer que o sujeito é importante na produção e na transformação social, mas também que ele está ligado às representações sociais e a cânones culturais (Cabecinhas & Amâncio, 2004; Correia & Neves, 2011).

Especificamente em Cabo Verde, após a descoberta do arquipélago, as mulheres que não tinham o estatuto de “mulheres brancas” eram escravas e a maioria levada pelos navios negreiros fazendo parte do seu papel ser um objeto de prazer para o seu “senhor”, ou seja, os colonos mantinham relacionamentos com as suas escravas (Carvalho, 2010). As relações eram por excelência baseadas em “poligamia consentida”, havendo uma relação oficializada (por norma com uma “branca”) e várias relações ilegítimas (normalmente com as escravas, negras) e que eram do conhecimento de todos os intervenientes. Os frutos destas relações eram criados pelas próprias mulheres, sozinhas, e sendo estas a sustentá-los (Carvalho, 2010)

Era uma época em que os direitos das mulheres eram um facto inexistente e este processo estendeu-se até as alforrias e posteriormente à suspensão da escravatura (referencia). Por sua vez, esta progressão cronológica foi dando às mulheres cabo-verdianas uma liberdade também ela gradual (Carvalho, 2010). Já mais tarde, com a independência (ano), são criados mecanismos oficiais de apoio às mulheres, que até então assumiam um papel social menos valorizado do que o dos homens. Havia limites, nomeadamente ao acesso à educação e que, muitas vezes eram transmitidos, desde a infância como regra de vida feminina pela própria família (Carvalho, 2010).

Esta desigualdade contribuiu para que a prática da violência na família fosse naturalizada. Como sugere o United States Department of State (2013) , a dimensão do fenómeno da violência de género em Cabo Verde é preocupante e acarreta custos pessoais, familiares e sociais desmedidos.

As mulheres em Cabo Verde são vítimas de violência, essencialmente, no espaço doméstico, verificando-se no país um padrão que tende para a assimetria na repartição do poder na família e na sociedade (Silva, 2011), principalmente em situações de tomada de decisão (ICIEG, 2006). A esta realidade acrescenta-se a vulnerabilidade e as poucas formas de sustento que as mulheres cabo-verdianas têm, fazendo com que o marido/companheiro continue a assumir uma postura de poder ou despolette dinâmicas de violência (United States Department of State, 2013).

De uma forma geral, os dados representativos de violência de género estão relacionados com as representações sociais de legitimidade do marido ou companheiro sobre a mulher,

achando-se estes no direito de recorrer ao poder e à violência por forma a repreender a mulher ou companheira (Fernandes, 2012). Nesta cultura muitas são as mulheres que, seguindo as regras sociais vigentes, concordam com esta postura, entendendo-a até como natural e normativa (Fernandes, 2012).

Apesar de, desde a independência, ser visível um trabalho no sentido da promoção da igualdade de género, a verdade é que as assimetrias estão bastante enraizadas e continua a perdurar a ideia, socialmente atribuída, de que o papel da mulher passa fundamentalmente pela esfera familiar. O comportamento social e os mecanismos de ajustamento da mulher são fruto das indicações dadas pela própria cultura (Carvalho, 2010).

2.1. Representações sociais dos jovens sobre a violência nas relações íntimas em Cabo Verde

Sabendo que a violência é reforçada quando legitimada por discursos socioculturais e que, por sua vez, estes dão forma a comportamentos individuais modelados pelas interpretações sobre os nossos próprios comportamentos e daqueles que nos rodeiam (Townes & Adams, 2000; Wood, 2001), isto faz dos comportamentos violentos um fenómeno intimamente ligado às representações sociais (Ribeiro & Sani, 2008). Esta afirmação baseia-se no facto de que, para que se percecionem ou adote uma postura de violência, esta tem de se encontrar em conformidade com um conjunto de referências que nos acompanham (Ribeiro & Sani, 2008).

No que toca à vertente da violência aqui em análise, sabe-se que quanto às representações, os/as jovens têm nesta fase o desafio de experimentar práticas e intensificar expectativas de género, que poderão ter impacto nas suas crenças e na sua postura nas relações (Schwartz & Dekeserdy, 1997). Tendo em conta que procuramos entender as representações por detrás da violência na intimidade entre os/as jovens, vamos partir da ideia de que a aceitação social de determinados atos violentos é um resultado das representações da própria sociedade, ou de um segmento dela. Assim, a leitura que é feita dessas ações, vai condicionar o sentimento de necessidade, por motivações várias (e.g., políticas, económicas, sociais e culturais), de agir (ou não) sobre a situação e sobre quem a gerou (Lisboa, Carmo, Vicente & Nóvoa, 2003).

Relativamente às representações neste contexto, estas devem ser observadas segundo a categoria de género, uma vez que esta acarreta representações de condutas bastantes díspares onde o comportamento violento, nomeadamente contra a mulher, é entendido muitas vezes como justificável e associado à virilidade do homem (Barroso, 2008). Nos seus estudos, Sorenson e Taylor (2005) observaram que relativamente à conduta violenta de ambos os sexos, a violência de autoria do rapaz tende a ser pior vista do que a perpetrada por uma rapariga, sen-

do a violência de autoria feminina olhada com menos preocupação. Mendes (2006) afirma ainda que os rapazes se mostram mais tolerantes à violência por parte da mulher, chegando de certo modo a desresponsabilizá-la quando ocorrem estas situações. Neste contexto há que ter, igualmente, em consideração uma tendência generalizada para que se encare a violência física e sexual como sendo mais preocupante do que a emocional (Sorenson & Taylor 2005).

Relativamente às questões de género ancoradas a valores socioculturais, no caso da associação das mulheres a uma postura de submissão, estes valores impedem que em determinados contextos sociais as mulheres agredidas denunciem o agressor com que mantêm uma relação de intimidade, preferindo sofrer em silêncio a exporem-se ao julgamento sociocultural proveniente da rutura (Barroso, 2008). Além disso, existem por vezes fortes pressões familiares e sociais com vista à resignação das mulheres agredidas, sendo que estas chegam a ser responsabilizadas pelos atos de agressão de que são vítimas: porque os “aceitam”, porque os “provocam” ou porque se “conformam”. Talvez devido a isso, muitas delas sintam vergonha e culpa sobre o que lhes aconteceu (Barroso, 2008, p. 10).

Posto isto, de um modo global, as representações e padrões comportamentais associados a papéis de género fortalecem a possibilidade de disposição para trajetórias de violência, comportamentos estes normalmente iniciados ainda na fase de namoro (Barroso, 2008). Apesar destas situações se verificarem, é importante focar que a representação do parceiro agressor muitas vezes é restringida à perceção da mulher, dado que socialmente os comportamentos assumidos por estes homens são entendidos como “normais” e até espectáveis, aceites e legitimados (Barroso, 2008).

Segundo Carlson (1999) o género esta ligado às crenças dos limites da violência, e as condutas de violência mais severa são percecionadas, mais facilmente, como sendo um ato violento bem como, ao nível da identificação da conduta violenta destaca que pessoas mais qualificadas tendem a ter mais consciência dos limites abusivos.

Apesar de toda esta indicação no sentido de representações alicerçadas em desigualdades, há um aspeto que parece curioso: para muitas pessoas (homens ou mulheres) a relação necessita de dinâmicas de ciúme, sendo este representativo de amor, sendo que o namorado que tem por hábito discutir é muitas vezes visto como protetor. Esta representação distorcida do ciúme surge muito enfatizada e não é entendida como fonte de desconfiança, de dominação e de obsessão (Barroso 2008). A violência pelos parceiros é vista como uma expressão de amor e, embora haja a perceção da inadequação, é entendida também como não tendo intenção negativa, sendo a base desta perceção a crença de que estas situações desaparecerão com a maturação do parceiro e sua compreensão dos danos causados (Barroso, 2008). Além disso,

o casal procede a uma completa separação entre o seu amor e violência ocorrida, preservando uma narrativa positiva do relacionamento, menosprezando e minimizando os episódios violentos (Dias & Machado, 2011).

Assim, os fatores associados ao uso da violência nas relações amorosas compreendem aspectos sociais, culturais, individuais e da própria relação, o que faz com que não possamos apontar especificamente um único fator como explicação para ocorrência deste fenômeno (Barroso, 2008). É pois necessário considerar, desde o início, a interação dos fatores pessoais e da relação homem/mulher dentro de um contexto cultural, para se analisar o fenômeno (Barroso, 2008).

Parte II

Capítulo IV – Método

Esta segunda parte é dedicada à apresentação e discussão do estudo empírico.

Nesta parte são expostas as perguntas que deram origem e se mostraram oportunas para este estudo, assim como os objetivos gerais e específicos a que esta investigação se propõe a responder. Além disso fornece uma contextualização acerca dos dados trabalhados através de uma caracterização dos participantes, dos procedimentos efetuados e da forma como os dados foram recolhidos e tratados.

Por último apresentam-se os resultados obtidos nas entrevistas.

1. Objetivos gerais e específicos

Foram objetivos gerais desta investigação:

- a) Explorar, através dos discursos dos/as jovens, as representações sociais sobre as relações de género em Cabo Verde;
- b) Caracterizar as relações de intimidade juvenil, despistando a existência de situações de violência no namoro.

Mais concretamente procurou-se:

- a) Analisar a influência das representações sociais sobre as relações de género em Cabo Verde nas vivências íntimas dos/as jovens imigrantes;
- c) Analisar as representações sociais sobre as relações de género em Cabo Verde, em função do sexo;
- d) Compreender as diferenças percecionadas ao nível das representações sociais sobre as relações de género em Cabo Verde e em Portugal;
- e) No caso de existir, caracterizar o fenómeno da violência no namoro e as dinâmicas.

2. Perguntas de Partida

As perguntas que orientaram a realização deste trabalho foram as seguintes:

- a) Como se caracterizam as representações sociais sobre as relações de género em Cabo Verde, na perspetiva dos jovens cabo-verdianos imigrantes em Portugal?
- b) Como se caracterizam as relações de intimidade juvenil destes jovens?

3. Caracterização dos participantes

A amostra foi constituída por 24 jovens imigrantes de nacionalidade cabo-verdiana, com idades compreendidas entre os 19 e os 30 anos de idade ($M=21$; $SD=0,125$), residentes

em Portugal. Destes 24 participantes, metade eram do sexo masculino e a outra metade do sexo feminino. Trata-se de uma amostra intencional, por conveniência, tendo como critérios de inclusão a idade (15-30 anos) e a nacionalidade Cabo-Verdiana. Este tipo de amostragem não é representativa da população, os elementos que constituem a amostra são escolhidos por possuírem determinadas características que são relevantes para a investigação. Relativamente ao tempo de residência em Portugal, em média, o grupo das raparigas vive em Portugal há 3 anos ($M= 3,375$), o grupo dos rapazes entrevistados há 4 anos ($M= 4$) e o grupo que continha ambos os sexos encontra-se fora de Cabo Verde há 4 anos ($M= 3,5$). Quanto à escolaridade dos jovens entrevistados, o grupo masculino e feminino encontrava-se a frequentar a Licenciatura e o grupo formado por ambos os sexos frequentavam o ensino profissional de equivalência ao 12º ano.

4. Técnica de recolha de dados

A recolha dos dados foi efetuada através da técnica do *focus group*. Esta técnica consiste na promoção de uma discussão semiestruturada com grupos de 4 a 12 indivíduos, que pretende explorar uma série de temas específicos. O *focus group* inicia-se normalmente com o/a moderador/a a lançar questões sobre o tema que ambiciona explorar (Tong, Sainbury & Craig, 2007). Apesar de cada pessoa que se encontra no grupo responder individualmente, promove-se a interação entre todos os participantes. Assim, esta técnica parte do princípio de que a interação grupal vai permitir uma maior exploração e esclarecimento de perspetivas individuais e compartilhadas (Tong, Sainbury & Craig, 2007).

No presente estudo os *focus groups* foram dinamizados a partir de um conjunto de questões de natureza aberta, que permitissem lançar a discussão sobre a forma como são caracterizadas as representações sociais sobre as relações de género em Cabo Verde na perspetiva dos/as jovens cabo-verdianos imigrantes em Portugal, e como se caracterizam as relações de intimidade juvenil destes/destas jovens.

5. Procedimentos

Numa primeira fase deste estudo foram estabelecidos vários contactos com escolas profissionais do Porto, com acordos com o Governo de Cabo Verde. Estas foram contactadas quer presencialmente, quer por escrito porém, somente uma delas mostrou disponibilidade para a recolha da amostra. Dado que nessa escola não tinha população suficiente, a restante foi conseguida com apoio do Gabinete de Relações Internacionais do Instituto Universitário

da Maia que contactou com os/as estudantes da citada instituição e com nacionalidade cabo-verdiana.

Conseguidos 24 elementos para a realização das entrevistas, estes foram organizados em três grupos com um total de 8 indivíduos cada, sendo um dos grupos somente de participantes do sexo feminino, outro do sexo masculino, e um outro com 4 elementos de cada sexo. Os três grupos foram entrevistados em contexto universitário e numa escola profissional da zona do grande Porto.

A recolha dos dados foi efetuada durante o ano letivo 2013/2014, iniciando-se em Novembro de 2013 e terminando em Maio de 2014. Dado que todos os entrevistados eram maiores de idade somente foi necessário proceder ao consentimento informado. As entrevistas ocorreram num ambiente privado, tendo sido usada para o efeito uma sala de aula. Cada uma das entrevistas teve como limite de duração 1h e foi gravada para posteriormente ser transcrita.

6. Técnicas de tratamento e análise de dados

Segundo Guerra (2006), o tipo de análise utilizada no presente estudo, de metodologia compreensiva, pretende articular as várias dimensões da vida social sendo que para isso tem a intenção de relacionar o indivíduo e a sociedade, a ciência e a experiência comum.

Para que fosse possível analisar as entrevistas, procedeu-se à análise de conteúdo temática, uma vez que esta permite que se estudem discursos férteis em informação através da inferência (Bardin, 2009). Deste modo, sobre os relatos conseguidos e usando a análise de conteúdo foi desenvolvida uma interpretação que permite verificar o objetivo, não menosprezando o carácter subjetivo das narrativas, que podem dar à investigação dados de igual relevância (Bardin, 2009). Desta investigação foram constituídas categorias *à priori* e *à posteriori*, o *corpus* de análise foi constituído pelas entrevistas e as unidades de análise foram as práticas juvenis e as relações sociais de género.

7. Resultados

De uma forma esquemática foram organizados, (cf.Figura.1), os temas abordados nos discursos, sendo mais pormenorizadamente discutidos em seguida. Sendo que são distinguíveis duas grandes categorias nascidas dos discursos: a primeira relativa às práticas juvenis e a segunda, reservada às questões das relações sociais de género.

Relativamente às práticas juvenis, seguidamente apresentadas, serão abordadas questões das relações sociais juvenis; os comportamentos juvenis desviantes, focando-se a questão dos

gangs, dos consumos abusivos de álcool e drogas; e as relações íntimas, nomeadamente no namoro, abordando questões que surgem como características deste tipo de relações.

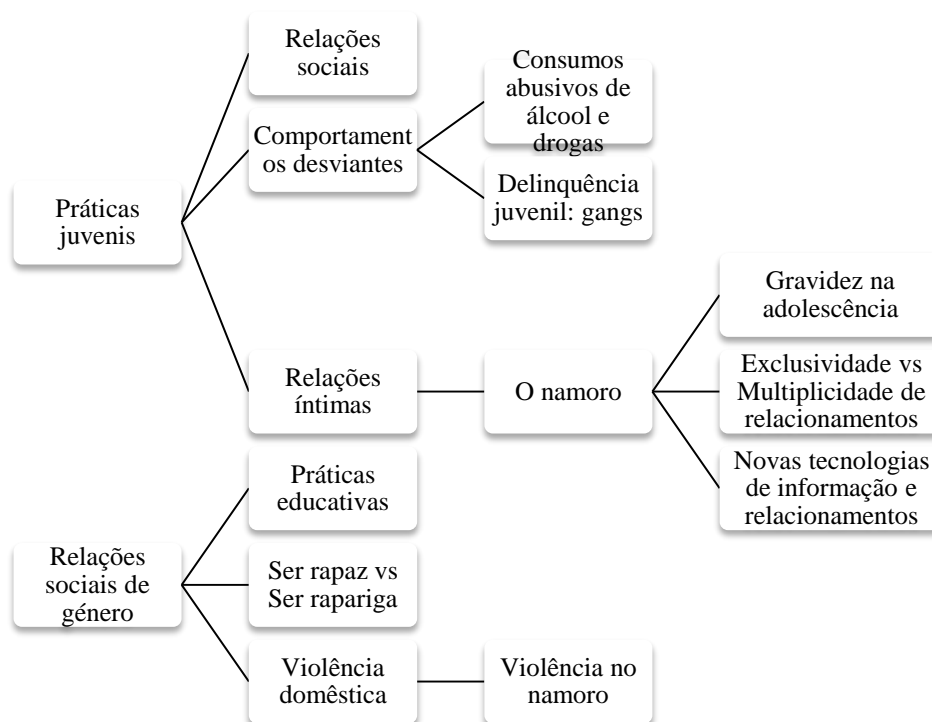


Figura 1. Esquema dos resultados

1. Práticas juvenis

Sendo o estudo direcionado à população juvenil, através análise dos relatos faz sentido examinar algumas das práticas que surgiram nestes e que, aparentemente, constituem dados importantes para a compreensão do universo social juvenil cabo-verdiano.

1.1 Relações sociais

Segundo os relatos, Cabo Verde é percecionado com sendo um país alegre e divertido. Esta representação do país é ligada ao grande número de festas organizadas e que no decurso das entrevistas surgem relacionadas a excessos, muitas vezes originam desavenças. Pela própria geografia do país e clima, revelam que passam bastante tempo livre na praia ou com os amigos em espaços públicos. Todavia, devido às ondas de violência vividas no país, nota-se receio relativamente à criminalidade parecendo este facto influenciar as próprias vivências dos/as jovens.

“Em relação a festas é de segunda a segunda, porque o povo cabo-verdiano é um povo divertido, alegre... E quando se é divertido e se é alegre normalmente há muitas festas e muitas opiniões. Depois há sempre algumas divergências mas nada que não se possa controlar. O nosso dia-a-dia é passear... quem não estuda e quem não faz nada, é passear e praia porque temos uma vastidão de praias e é para aproveitar o sol” (focus masculino).

“Há quem faz muitas asneiras também. Há uns tempos atrás havia muita violência, quando tinha 17 anos aí. Os meus pais não me deixavam sair, juntavam grupos de gangs...” (focus feminino)

1.2 Comportamentos Desviantes

Aparentemente denota-se a existência de estilos de vida delinquentes ou desviantes entre os jovens cabo-verdianos. No entanto, ressalva-se a grande frequência com que nos discursos os entrevistados referiram os consumos excessivos de álcool e drogas ou a constituição de grupos de *gangs* juvenis, salientando-se que os rapazes aparentam preocupar-se mais com estes temas, pois focaram-se bastante nestes durante todo o diálogo.

“Porque pelo menos na minha ilha, S. Tiago, é muita bebedeira mesmo, é conflito entre “gangs”, é muito conflito que às vezes é preciso a intervenção da polícia e essas coisas. (...) Lá há consumo de marijuana, cocaína, crack que lá chamamos de “pedra”... Há bué consumo, tanto como o álcool”. (focus masculino)

1.2.1) Consumos abusivos de álcool e drogas

Os jovens contam que Cabo Verde é um país onde o consumo de álcool é excessivo e consideram-no como algo cultural, como uma prática da personalidade “alegre” deles.

“Bebida sempre existiu porque Cabo Verde tem bebidas tradicionais como o “grogue” ou a “poncha”, são bebidas fortes para quem não está acostumado.” (...) “Em Cabo Verde é muita bebedeira mesmo, mas é muita bebedeira mesmo. Porque hoje em dia os jovens cabo-verdiano... O povo cabo-verdiano como ele disse é um povo muito alegre, gosta de festa e quando há festas é muita bebedeira e quando há muita bebedeira há muito conflito também”. (focus masculino)

Por sua vez, o consumo de drogas é visto como algo recente e causado pela imitação de ídolos americanos da cultura *rap* e *hip-hop*. Os jovens admitem um contacto crescente dos

jovens com drogas e acesso a drogas mais pesadas. A problemática dos consumos é também por eles ligada a problemas de atividades de tráfico, apontando este tema como um dos grandes motivos para a delinquência juvenil tão presente. O não consumo destas substâncias entre os jovens mostra-se como um fator de exclusão no meio juvenil.

“Eu acho que em Cabo Verde há mais contacto dos jovens com a droga e mais pesadas. Em Cabo Verde nem é só de consumo, é de venda também. Muitos jovens não consomem mas estão a vender, e outros que consomem e vendem. Por isso que gera muita delinquência entre os jovens...” (...)”Tipo em S. Vicente, hoje em dia ,qualquer pessoa fuma marijuana. Tipo chegar numa festa hoje em dia e se tu não fumas és praticamente um outsider. Se chegares e não fumares já parece algo estranho, é praticamente da lei vou dizer assim. E isso começou agora por influências de... no meu conceito é, por imitar os gangs nos Estados Unidos e isso e também há pessoas que são deportadas dos Estados Unidos e quando voltam a Cabo Verde, trazem essa cultura e divulgam. São deportadas por delinquência, crime ou que, são deportadas e trazem essa cultura.”(focus masculino)

1.2.2. Delinquência juvenil: gangs

No que toca à delinquência juvenil, a problemática mais assinalada é a questão da formação de *gangs*. Caracterizam estes grupos como possuindo muitos elementos, provenientes de bairros que criam rivalidades com outros bairros. Nesta questão, há novamente associação aos *gangs* dos Estados Unidos. Alegam ser uma imitação semeada pelos imigrantes cabo-verdianos que são deportados para a sua terra natal, e também como resultado dos elevados consumos de drogas. Referem ainda que, quando entram em confronto, as situações são bastante violentas e que as próprias entidades policiais são pouco eficazes nesta problemática.

“Porque pelo menos na minha ilha, S. Tiago, é muita bebedeira mesmo, é conflito entre “gangs”, é muito conflito que as vezes é preciso a intervenção da polícia e essas coisas. Lá cada grupo de gangs pode ter 50 ou 60 elementos por cada grupo, na minha ilha. E quando é assim, quando entra em conflitos é o seguinte: é o grupo de um bairro contra o outro do outro bairro. Por exemplo um que é de um bairro não pode entrar no outro, quando isso acontece é conflito, depois se está sozinho é até à morte. Eles tem uma coragem do caralho, imagina, eles invadem o bairro dos outros e aí os outros tenta ripostar e aí é muito conflito e a policia tem de intervir se não imagina é matança. De repente é assim fumam uma coisa, não

sei... é adrenalina pura e depois têm muita coragem e fazem isso frequentemente.”(focus masculino)

1.3. Relações Íntimas

1.3.1. O namoro

O namoro em Cabo Verde parece caracterizar-se por práticas particulares. Desde logo a pouca visibilidade social, sendo habitual namorar escondido, situação que além de ser fruto de uma imposição social, está intimamente relacionado com questões culturais de respeito.

“Lá beijar só se for em casa, a primeira vez que eu vim cá e eu vi pessoas a namorar eu fiquei assustada: “ que é isto?” Eu achava muito estranho”(focus feminino)

“ Lá as demonstrações públicas não são bem vistas. Só um beijinho...abracinho...”(focus feminino)

a) Gravidez na adolescência

Entre as jovens cabo-verdianas apurou-se que é frequente a ocorrência de gravidez precoce e não planeada, denotando-se nos discursos que é um assunto por elas valorizado e visto como preocupante. Por oposição, nos discursos dos rapazes não se verifica abordagem a este tema.

• Proibição de namorar

As jovens afirmam que é prática comum os pais as proibirem de namorar, sendo que muitas vezes só descobrem que estas mantêm relacionamentos quando já se encontram grávidas. As raparigas estabelecem uma relação entre esta postura dos pais e os muitos casos de gravidez precoce.

“Tou a dizer que, como os pais são muito rígidos connosco assim em termos de namoro, quando encontramos uma hora ou meia hora de liberdade, aproveitamos e fazemos um pouco de tudo, assim sem vermos as consequências do ato que fazemos... Quando é assim eles aproveita fazem promessas e dizem isso mais aquilo e como estamos apaixonadas deixamos acontecer... Assim é por causa disso é por isso que muitas engravidam nesse curto período de tempo.” (focus feminino)

- Métodos contraceptivos

Quanto às práticas contraceptivas denota-se que, apesar das jovens verbalizarem que já existem bastantes locais que fornecem apoio e esclarecimento ao nível do planeamento familiar, ainda há resistência neste campo, nomeadamente por parte dos rapazes quanto ao uso de preservativo.

“Também já abriu muitos centros de apoio a jovens em Cabo Verde que dão essa informação. E distribuem esses preservativos assim no centro de apoio aos jovens... (...) Geralmente nunca querem usar... dizem que “pele, pele é para usar”. É assim nunca querem usar. Prometem “ eu vou ter cuidado... “. ”(focus feminino)

Nos casos de gravidez, as jovens sublinham a irresponsabilidade dos companheiros e acrescentam que é habitual em Cabo Verde haver rapazes com filhos de diferentes mulheres.

“(...) Em Cabo Verde a maioria dos homens tem um filho com uma mulher e depois desaparece e até sai para o estrangeiro à procura de vida melhor. É assim os filhos são criados sem pais estás a ver? E uns têm contacto com o pai, outros não têm.” (focus misto)

- A preferência por homens mais velhos

Aparentemente as raparigas indicam tendência para se interessarem por rapazes mais velhos, ou até mesmo homens já comprometidos. Justificam esta preferência com a imaturidade que atribuem aos rapazes das suas idades.

“Do que eu reparo as cabo-verdianas gostam de homens mais maduros e por isso namoram também com homens mais velhos e comprometidos” (focus feminino)

Apesar de apontarem a imaturidade dos rapazes, assinalam também que nos relacionamentos com homens mais velhos se sentem mais pressionadas pelo medo de que eles terminem a relação.

“O problema é que as raparigas namoram sempre com rapazes mais velhos... Porque os rapazes da idade são imaturos, nos queremos sempre namorar rapazes mais velhos. Então o que os rapazes fazem: eles sabem que nos gostamos deles e eles são mais velhos. Então

aproveitam e as raparigas como têm medo de perder o rapaz acabam por fazer tudo o que eles querem. E se eles não querem usar camisinha às vezes não usam.”(focus feminino)

- Filhos como forma de firmar a relação

No discurso das raparigas, a gravidez precoce também surge como um meio de prender o namorado à relação, embora salientem que na maioria dos casos a rapariga fica com a criança e o pai abandona quer a namorada, quer a sua responsabilidade parental.

“Geralmente acontece que as raparigas engravidam para segurar o namorado. E quando fazem isso com o propósito ficam com a criança, já não ficam com o homem...porque elas não sabem que os namorados não gostam de responsabilidade. Eles ainda tão novos... eu acho que os homens só verem responsabilidade fogem logo. E as raparigas pensam que quando tem um filho, o namorado vai ficar com eles.” (focus feminino)

a) Exclusividade versus Multiplicidade de relacionamentos

- Namoradas e “curtição”

Segundos os relatos, parece haver tendência para os rapazes cabo-verdianos terem mais do que um relacionamento. Assim, é frequente terem namorada e “curtirem” com outras raparigas.

“Porque o cabo-verdiano normalmente tem uma namorada... opah depois vai a outro lado e arranja uma curte, como dizem os portugueses, uma curtição...Nós dizemos “dá uns beiji” (risos)... é o dia-a-dia do cabo-verdiano , é o povo, é mesmo assim.”(focus masculino)

- Hierarquia

Nos múltiplos relacionamentos, destaca-se uma hierarquização por parte dos rapazes quanto aos vários relacionamentos, ou seja, os rapazes organizam os vários relacionamentos por ordem de importância que estes lhes conferem na sua vida. As raparigas, por sua vez, aparentemente sentem conforto se estiverem no topo desta hierarquia.

“Eu conheço alguns casos, que têm namorados que têm mais do que uma... e eles fazem de tudo para esconder mas ao descobrir eles dizem “ah não liga com isso, tu é a minha mulher, posso fazer o que fizer, você é a primeira, você é a minha mulher, você é que veio primeiro você é a primeira...” e também tem pessoas que dizem “ah não liga, tu é a mulher

dele. Não precisa ligar para as outras... eles não prestam” Entre amigas mesmo dizem “não liga, és a primeira, já tem muito tempo com ele, já tem anos juntos, agora só porque ele arranhou essa bandida na rua isso é uma vagabunda, não presta...” (focus feminino)

- Postura perante a traição

Verificou-se nos diálogos uma tendência para que, ao descobrirem a traição por parte dos rapazes, as raparigas entrarem em conflito com a sua concorrente, em vez de terminarem a relação.

“Por exemplo, o homem vai e trai a namorada, ao trair a namorada, a namorada zanga mas não termina. E agora quando não termina a namorada vai ter com a miúda que teve o caso com o namorado e vai dizer para miúda ficar longe do namorado dela e vão brigar feio.” (focus misto)

A traição descoberta pela mulher é ainda, aparentemente, entendida como uma responsabilidade no sentido de se melhorar fisicamente, por forma a tornar-se mais atrativa, na sua conceção, para os homens. Aparentemente esta melhoria para as entrevistadas passa, nomeadamente, por usar roupa mais ousada e por se maquilhar.

“Por exemplo a mulher fica a vestir melhor, fica a andar mais bonita, sabe que a outra esta no mesmo lugar e vai assim toda poderosa para fazer sombra uma à outra e depois fica a pegar o namorado...assim aquelas coisas que acontecem.”(focus feminino)

Apresenta-se ainda uma tendência para que, em resposta à traição, a rapariga tente reproduzir a situação de que foi alvo para se sentir ao mesmo nível que o seu companheiro. Porém, apesar da postura da jovem traída ser de desculpabilizar a situação, passa a culpa para a rapariga com que o namorado a traiu. No caso de traição feminina, estas parecem ser respondidas com violência por parte do companheiro.

“O homem em cabo verde pode ter uma que apresenta. Que chega nos amigos e diz assim: “esta é a minha namorada”. Mas no entanto, por trás ele pode estar envolvido com outras. Mas se a namorada dele descobre, por exemplo... e as mulheres são vingativas, digo já : portuguesas, espanholas, cabo-verdianas... tudo. E vai tentar dar o troco e trair. Aquilo já é

tipo uma falta de respeito e aquilo muitas vezes gera violência. É uma das razões também de haver esse tipo de violência.” (focus masculino)

b) Novas tecnologias de informação e relacionamentos

A influência das novas tecnologias é abordada, sendo considerado um ponto importante nas suas práticas diárias. Nomeadamente a internet e mais especificamente a rede social “Facebook” e o uso do telemóvel.

• Facebook

Especificamente o grupo masculino menciona o “Facebook” como um causador de problemas entre o casal e de ser uma fonte que permite controlar o namorado.

“Atualmente a primeira causa de desentendimento nos casais é o facebook.” (...) “Antigamente na igreja se dizia “até que a morte os separe” agora é “até que o facebook os separe”.” (...) Só um “gosto” que eu der numa foto da outra já é logo aquela confusão. Começam logo a perguntar porque é que eu dei “gosto”, se eu já estive com ela, se estou com ela, onde conheci, e assim sucessivamente...” (focus masculino)

Apesar do controle por parte das companheiras, relatado pelos homens, deixam também a ideia de que este é um meio onde podem chegar até outras possíveis parceiras.

“Mas agora a razão do conflito mesmo é o facebook. Eu vou falar por experiencia própria, porque a minha namorada me encontrou com umas mensagens meio intrigantes no facebook e ela não me disse nada e ficava toda agoniada dentro de casa e não falava. E eu fiquei “ufh já fiz merda...” E foi porque, naquele dia eu ia trabalhar e foi muito depressa estava atrasado, ela foi ao facebook dela e o meu logo abriu. E ela investigou tudo, tudo mesmo! E ficou com uma pulga atrás da orelha em relação a mim até hoje. Mas aquilo são conversas que podem acontecer né? É normal mas gera conflito e tivemos dois meses e tal a não falar bem.”(focus masculino)

• Telemóvel

As raparigas fizeram, somente, alusão ao uso do telemóvel e apontaram-no como meio de controlo na relação e/ou como forma de auxiliar o namoro escondido.

“Eu acho que se evidencia mais o tipo de controlar um ao outro. Ver mensagem no telemóvel.... há muito.”

“Também acho que namoro escondido leva a base de telemóvel. Ligar um para o outro. Eu acho que passam mais tempo no telemóvel do que num encontro é isso, só...” (focus feminino)

Outra das especificidades no que toca ao uso das novas tecnologias nas relações é que estas são usadas pelos rapazes para assumirem perante a companheira os seus sentimentos, nomeadamente através do telemóvel, nas mensagens.

“Para dizer tudo, tudo o que sentem é difícil. Diz só na mensagem, ou quando zanga como ele estava dizendo”(focus misto)

Estando tratadas as questões a que nos prepusimos anteriormente discutir, segue-se a segunda grande categoria identificada que aborda as relações sociais de género. Em seguida serão discutidas questões ligadas às práticas educativas relativas ao sexo do/as jovens questões sobre a violência doméstica e da violência no namoro relativamente às questões de género; e as representações por detrás de cada um dos sexos dos/as jovens.

2.Relações Sociais de Género

2.1. Práticas Educativas

Os dados apontam para que as práticas educativas cabo-verdianas sejam alvo de distinção segundo o sexo em questão, principalmente sobre as raparigas. Nos diálogos saltam à vista algumas questões:

- Pais sem abertura de diálogo

Nos seus discursos, as raparigas mostram que não há por parte dos pais suporte educacional ao nível das questões da intimidade. O diálogo acerca de temas ligados à sexualidade é escasso. A educação é substancialmente mais castradora para elas, seguindo mais regras e sendo os educadores menos permissivos. Esta postura dos pais de censurarem as questões da intimidade, são por elas associadas aos casos de gravidez precoce, alegando que esta rigidez educacional sobre elas resulta em recorrência à mentira para conseguirem manter as relações.

“Mas neste caso muitas vezes há pais que escondem e não faz diálogo com o filho... aprendem na escola não é, mas tem pais que é assim fechado com o filho.” (focus misto)

- Pais não deixam namorar

Nos namoros parece haver tendência para naturalizar as várias relações nos rapazes e a proibição delas nas raparigas. Em muitos casos, o namoro é escondido até a ocorrência de uma gravidez, ocultando mesmo nessa altura a situação até ao limite. Inclusivamente em idades adultas, os pais continuam a alargar esta proibição e as próprias raparigas admitem preferir que os pais não saibam uma vez que é habitual que as obriguem a terminar o relacionamento.

“No meu caso a minha mãe soube que tinha namorado e no dia seguinte me ligou para dizer para eu terminar tudo com ele aqui.”(focus feminino)

- Medo do pai

No decurso da conversa denota-se um sentimento de medo mais intenso por parte das raparigas em relação aos pais. É notório que esta situação está relacionada com o alto grau de exigência que eles têm sobre o comportamento das filhas.

“Eu tenho colegas que têm muito medo do pai mesmo... Os pais não querem que arranje namorados . Não as deixam sair. Eu tenho uma amiga que tem 21 anos e ela tem namorado, o pai sabe, mas o pai nunca aceitou. Não a deixa sair.” (focus feminino)

2.2. Ser rapaz versus ser rapariga

- Rapaz romântico é “totó”

Em Cabo Verde parece haver uma ligação entre romantismo e feminilidade, sendo que as expressões românticas ou de carinho devem ser reservadas às mulheres, sendo que o rapaz que quebra esta regra social é visto como menos másculo. Todavia, os participantes revelam que, em Portugal já se sentem mais à vontade para o fazer e dizem mesmo que em relacionamentos com portuguesas o fazem.

“Eu em Cabo Verde namorei 1 ano com uma rapariga e nunca disse “eu te amo” é assim. As mulheres não, as mulheres diziam sem problemas mas os homens já não, têm o pen-

samento de que eles é que mandam e eles é que sabem. Lá um homem assim romântico as pessoas olham como não firme, um totó.” (focus misto)

- Rapazes poderosos vs. Raparigas respeitadoras

Segundo as narrativas, os deveres de homens e mulheres são distintos: ao homem cabe fazer-se respeitar, estabelecer regras e limites; às mulheres cabe obedecer, respeitar e mostrar-se compreensivas e, se necessário, sofrer para não causar problemas.

“Em Cabo Verde são os homens que comandam as mulheres, estás a ver? Não são as mulheres que comandam os homens.”(focus misto)

“Aqui não dizem que mandam, mandam mesmo...Principalmente as portuguesas, mandam mesmo. Só que as cabo-verdianas não são habituadas a isso.”(focus misto)

- Mulher tolera as traições: o homem tem direito, a mulher não

Nos relacionamentos entre os jovens há possibilidade de se estabelecer uma distinção: ambos podem estabelecer uma relação de namoro, porém somente o rapaz pode ter paralelamente a apelidada “curtição” (relacionamentos esporádicos). Este comportamento, embora seja entendido por eles como incorrecto, é socialmente aceitável e justificado pela “natureza masculina”. Esta concessão é alimentada pela ideia de que o homem tem necessidades da sua própria natureza que o levam a não conseguir ser fiel. No caso da rapariga, esta nunca pode ter mais do que uma relação, e se isso acontecer ela será categorizada socialmente como leviana, o rapaz como “corno” e gozado por todos os amigos por ter deixado tal situação acontecer. Às raparigas fica reservado o namoro ou a curtição, nunca se podendo juntar ambas as situações.

“Porque o cabo-verdiano normalmente tem uma namorada... opah depois vai a outro lado e arranja uma curte, como dizem os portugueses, uma curtição...Nós dizemos “da uns beijo” ... é o dia-a-dia do cabo-verdiano, é o povo, é mesmo assim.”(focus masculino)

“Muitas meninas que têm muitos namorados eles nem classificam de namorada mas de curtição.”(focus misto)

“Quer dizer ela pode ter um namorado que é como se diz o “corno” mas ele não sabe que ela anda com outras pessoas.”(focus misto)

“(...) como eu disse quem trai não gosta de ser traído porque depois os homens quando as amigadas souber ‘ah tu foste traído’ e aquilo é um gozo que não acaba.”(focus masculino)

2.3. Violência Doméstica

- O (des)respeito nas relações

Nas abordagens aos relacionamentos entre casais de idade adulta, particularmente os rapazes, aparentam uma conceção de respeito nas relações curiosa: descrevem as relações nos casamentos como muito respeitadas, justificando esta ideia com o facto dos homens não demonstrarem os seus relacionamentos extraconjugais em público, apesar da maioria das mulheres ter conhecimento dos mesmos. Nos casos em que o homem tem mais do que uma família, a relação respeitosa nos casais passa a ser por eles associada ao cumprimento das obrigações económicas do homem sobre a casa. Esta obrigação é também apontada pelos rapazes como a única queixa apresentada pelas mulheres, que se limitam a aprender a viver com a situação de partilha do companheiro, aparentando não se importar. Estas afirmações levam-nos a crer que há compreensão por parte dos rapazes em relação à multiplicidade de famílias que os homens possam construir. Segundo os relatos esta situação é aparentemente aceite pelas mulheres devido aos antecedentes culturais relativamente a esta prática masculina, pela dependência económica relativamente ao homem e para proteger os/as filhos/as de necessidades.

“Que independentemente de acontecer todas estas situações, os homens costumam respeitar muito as relações. Por exemplo os meus pais : o meu pai é uma pessoa que gosta... é apaixonado, tem as suas relações... mas independentemente disso ele respeita muito a minha mãe, não faz isso assim à vista... tem aquele respeito, aquele carinho. E eu vejo que isso acontece de uma forma geral. Elas sabem mas ... e a minha mãe sabe.”(...) *“E há mulheres que recebem agressões físicas ou verbais mas dependem do marido para sobreviverem e sustentar a casa e seus filhos e claro que uma mulher o que preza mais são os seus filhos. E se para manter os seus filhos: estudar, comer... depende do marido, ouve: vai apanhar hoje, amanhã, depois de amanhã, o que der... é mais essa situação, o marido é que sustenta a casa e a mulher por causa dos filhos sujeita-se a levar ou a ser traída...”*(focus masculino)

- Filhos cúmplices

Quanto à postura revelada pelos rapazes perante a atitude dos pais relativamente às suas mães, a traição é entendida, justificada e encoberta por eles. Sublinham e entendem esta situa-

ção como uma necessidade masculina e uma prática reveladora de saúde. Alegam que devem ajudar o pai a encobrir a situação da mãe para evitar discussão desnecessária, entendendo a necessidade do pai praticar a sua virilidade.

“Se eu vir uma coisa dessa na rua eu não digo a minha mãe não, porque... humm... é homem, homem tem aqueles tento masculino assim... Meu pai está na flor da idade, tem 53 anos, ainda pode pegar umas gaijinhas. Acho que se eu disser isso vai gerar mais conflito e a minha mãe sabendo que ele já tem uma... e depois vai engrajar com outra fica complicado, não digo isso. Eu vou acobertar o meu pai sempre.” (focus masculino)

• Causas: bebida versus causas económicas

As causas genericamente apontadas à violência doméstica em Cabo Verde são essencialmente: o excesso de consumo de álcool e os desentendimentos por motivos económicos. Estes últimos, em alguns casos, estão ligados ao facto de a mulher não possuir rendimentos ou este não ser suficiente para sustentar a casa e, ao verificar carências no lar (principalmente quando algo falta aos/às filhos/as) imporem-se ao marido e gerando conflitos, uma vez que o homem “tem que impor respeito”.

“Também há muito uso de álcool, há muito violência em casa por causa do uso de álcool e droga e leva a essa violência. Tem muito desses casos em cabo verde.” (focus feminino)

• Fraca visibilidade do fenómeno

Nos casos de violência doméstica verifica-se tendência a esconder as situações, sendo prática comum tudo acontecer em âmbito privado, atribuindo-se as lesões a acidentes domésticos. Em termos sociais relatam demissão da responsabilidade social e das próprias entidades policiais perante este fenómeno, revelando a ideia enraizada de que a violência entre casais pertence à intimidade deles.

“As brigas de casais também é sempre dentro de casa, nem todo o mundo dá conta do que está acontecendo. A vida de casado em Cabo Verde é muito reservada e se há violência nos que estamos de fora não percebemos muito. É assim, vemos aquele casal feliz na rua, mas dentro de casa às vezes é totalmente diferente.” (focus masculino)

- Falhas das entidades policiais

Nos diálogos é realçado pelos entrevistados uma postura de demissão de responsabilidade por parte das entidades públicas de proteção social, nomeadamente da polícia. Relatam casos em que a polícia perante queixa de violência doméstica retira-se, colocando a responsabilidade de resolução do conflito no casal, ignorando o carácter criminal da situação. Acrescentam que há mesmo casos de fuga de informação relativamente às denúncias e tendência para culpar a vítima.

“Os homens lá são muito violentos, depois pronto, volta tudo ao normal até acontecer outra vez. Chamam a polícia mas a polícia não faz nada. Eles dizem logo: “nos não temos nada a ver com isso”. A não ser que seja uma coisa muito grave não veem isso como crime. Só se estiver mesmo a morrer ou assim, senão não fazem nada. Normalmente a polícia só se mete quando já é a mulher a agredir o homem, quando já está no limite e está em casa pronta para o matar. E aí sim, a polícia vem e leva a mulher. Quando já foram chamados várias vezes.” (focus feminino)

2.3.1 Violência no namoro

- Violência mútua

No diálogo constata-se que a violência tende a acontecer de modo mútuo, embora se verifique certa resistência por parte dos rapazes em assumir essa situação. Referem ainda que por norma ela acontece com início em discussões e agressões verbais, escalando até à violência física.

“Mas é uma realidade em Cabo Verde nos sabemos que há namorados que se agridem mutuamente.” (focus masculino)

- Homens e sentimento de controlo na relação

Nas relações, parece sobressair um padrão de controlo e poder masculino sobre as companheiras. Esta imposição de regras e limites pelo companheiro é visto como um sinónimo de uma postura de respeito por parte das mulheres. Justificam-no como necessário para colocar a mulher “no seu lugar” porque as raparigas gostam de tentar impor-se na relação, portanto é necessário não dar margem para tal situação.

“O que coloca também em conflito os namorados ultimamente também a mulher cabo-verdiana é o seguinte: se tu fazes eu também faço. Isto porque, não é ser machista, mas o homem cabo-verdiano quando está numa relação, gosta de impor respeito. E as mulheres muitas vezes não aceitam isso e quando não aceitam isso, por exemplo “se tu fazes, eu faço também” e quando é assim é só conflitos.” (focus masculino)

- Causas da violência

Nos relatos, em geral, a causa da violência é atribuída a questões de consumo excessivo de álcool, drogas, desconfiança, ciúmes e ao uso facebook.

“Se estiver sob efeito de álcool ou da droga é que se chega mesmo a vias de facto, de resto, acho que tudo se resolve verbalmente mesmo.”

“Atualmente a primeira causa de desentendimento nos casais é o facebook.”

“Quero elucidar que isso tudo é porque o povo cabo-verdiano é um povo bastante apaixonado e... ciumento também.” (focus masculino)

- Mulheres procuram “escândalo”

Nas verbalizações masculinas surge diversas vezes a concepção da “mulher cabo-verdiana escandalosa”. Segundo eles, a reação da mulher quando é traída é exagerada pela forma como a situação é empolada por elas. Embora admitam que possam falhar, alegam que a reação das companheiras é exagerada.

“Mas há uma coisa: as mulheres procuram sempre! (risos) Eu estou a dizer por experiência própria, ok? A mulher quando fica chateada é escândalo só escândalo...ui, fogoooo! São escandalosas (...) Uma coisa é a seguinte: nós falhamos também, no que as meninas não gostam, que é arranjar outra por exemplo. Isso eu aceito. Mas também, essas coisas de chatear a cabeça e isso... já é demais.” (focus masculino)

Parte III.

Discussão dos resultados

Através da leitura dos resultados conseguimos verificar que os discursos destes jovens demonstram alguns padrões que traduzem muito genericamente práticas preocupantes do ponto de vista do desvio e da delinquência, bem como ao nível das relações sociais de género, verificando-se nas entrevistas representações sociais de género bastante demarcadas pela assimetria de poder.

Nestes pressupostos confluímos para a necessidade de aplicar uma abordagem interseccional ao tema em estudo, dada a necessidade de analisar várias categorias, principalmente sociais e culturais e as suas interações como possível alicerce deste problema social (Nogueira & Oliveira, 2010).

Na tentativa de descrever a população cabo-verdiana, inicialmente os/as jovens representam o seu povo como sendo culturalmente alegre e de bem com a vida. Todavia, no estudo verificou-se que a juventude cabo-verdiana depara-se com graves práticas juvenis desviantes, marcadas por excessos de álcool, drogas e pela violência de rua. Esta constatação vai de encontro a estudos anteriores que dão conta de que a violência juvenil é uma realidade preocupante entre os jovens neste país (Lima, 2010).

Relativamente às relações na intimidade entre jovens, especificamente no namoro, verificaram-se algumas questões muito particulares desta população. No caso das questões do romantismo estas são esperadas por parte das raparigas, e vedadas aos rapazes. Porém, verificou-se também que em Portugal os rapazes cabo-verdianos que se encontram imigrados, nos seus relacionamentos se sentem mais à vontade na sua expressão de sentimentos tendo uma postura diferente relativamente a esta questão da que assumem no seu país de origem. Esta questão poderá encontrar explicação na rigidez relacionada com os papéis sociais de género, vigentes na cultura cabo-verdiana.

Entendeu-se ainda que os relacionamentos de namoro atuais são fortemente marcados pelos uso das novas tecnologias, nomeadamente o telemóvel e a internet, com especial relevância à rede social “Facebook”. No estudo concluiu-se que estas são apontadas como veículo para aumentar o controlo nas relações e, principalmente o facebook, como causador de mais discussões por ciúmes. Além disso, as novas tecnologias surgem similarmente como sendo uma forma de esconder o romantismo por parte dos rapazes, fazendo estes uso destes meios para demonstrações de afeto. Esta situação leva a que se levante como possível explicação a castração ao nível afetivo que, aparentemente, a sociedade lhes impõe segundo o papel conferido pelo género, ligando a afetividade à feminilidade.

Outra situação que surge como um problema nos namoros juvenis é o elevado de casos de gravidez precoce, sendo este um tema somente abordado pelas raparigas, não constituindo aparentemente uma preocupação entre os rapazes. As entrevistadas, por sua vez, sugerem nos seus relatos algumas práticas que poderão estar na base deste problema. Em primeiro lugar, a conduta de proibição de namoro por parte dos pais relativamente às raparigas que, perante a rigidez da postura educativa, sedimentam outros problemas: a mentira e a falta de informação que pode condicionar comportamentos lesivos da sua integridade física e psicológica. As jovens contam que desenvolvem estratégias para manter o relacionamento que, por sua vez, são normalmente assentes em falta de informação e resistências ao nível das práticas sexuais protegidas. Nestes casos verifica-se, mais uma vez, a diferenciação entre sexos: por um lado a falta de diálogo e informação ao nível íntimo com as raparigas por parte dos pais e mães; por outro a ideia enraizada nos rapazes de irresponsabilidade perante uma possível gravidez. Esta postura poderá ser explicada, tendo presente a teoria da aprendizagem social (Bandura, 1971) pela representação da figura paterna ausente que se verifica nesta cultura e que se poderá igualmente ligar ao fenómeno cultural da imigração. Ainda relativamente à gravidez juvenil, verificamos que, apesar deste tema se constatar como uma real preocupação para as jovens, em alguns destes casos, a gravidez não é provocada por descuido, mas sim planeada pela rapariga sem conhecimento do companheiro. Esta conduta é entendida pelas raparigas como uma possibilidade de prender o parceiro à relação.

Por fim ainda se constata que há uma preferência por parte das raparigas em manter relacionamentos com companheiros mais velhos, sob o argumento de que os rapazes das idades correspondentes são imaturos. Porém, contraditoriamente à ideia de irresponsabilidade descrita, verifica-se igualmente nestes relacionamentos casos de gravidez precoce, abandono e uma tendência para a manipulação dos homens sobre as raparigas. Ora, nesta conjuntura, se se verificam tais pressupostos, fica por apurar o que afinal de contas está na base deste interesse das jovens por companheiros mais velhos.

Relativamente à violência nas relações de namoro verificam-se dinâmicas de violência mútua, sendo justificada pelos rapazes como forma de “colocar a mulher no seu lugar”. A mutualidade da violência corrobora os dados da investigação quantitativa de Pinheiro (2011) sobre jovens cabo-verdianos imigrados e de Cruchinho (2012) que investigou o mesmo tema com jovens imigrantes.

As causas apontadas para a violência no namoro segundo os jovens passam pelos consumos excessivos de álcool e drogas, desconfiança, ciúme e por fim ao uso controlador das novas tecnologias, nomeadamente ao facebook. Porém, na análise dos relatos verifica-se que

as relações violentas tendencialmente não são representadas como tal e que há uma minimização/naturalização do fenómeno. Estes dados estes que opõem-se aos obtidos no estudo de Pinheiro (2011) que defende que, embora se verifique legitimação da violência, esta não representa a maioria, pois constata-se uma postura de banalização e legitimação da violência bastante presente nos grupos analisados. A esta situação junta-se, ainda, a verificada tendência para culpar a vítima pelas ofensas sofridas e responsabiliza-la por não colocar fim a esses comportamentos, sendo esta uma postura assumida por ambos os sexos. A acrescentar a esta responsabilização, particularmente o sexo feminino, apesar de responsabilizar a vítima entra em contradição, uma vez que mostra aceitar a “natureza masculina” da traição. Quanto aos rapazes há uma ideia de dever do rapaz no que toca a estabelecer limites à mulher. Aqui parece fazer sentido, futuramente, refletir-se sobre as perceções de rejeição sobre o companheiro (e.g., Pinheiro, 2011) podendo estas ser entendidas como falta de respeito. Esta posição poderá estar por detrás de outro facto constatado nos namoros, que é o estatuto que permite aos rapazes a multiplicidade de parceiras, possuindo uma delas o estatuto hierárquico de “a mulher dele”. Posto isto, embora se constatem desavenças no casal, por este motivo, em grande parte dos casos apurou-se que é prática comum a situação ser desculpada e entendida pela rapariga como algo da natureza do homem, podendo tal comportamento ser perspetivado no âmbito das representações sociais como uma ideia socialmente partilhada que permite a ocorrência desta realidade (Jodelet, 1989). Verifica-se assim, a representação social de que o homem tem necessidades naturais que o impelem a requerer envolvimento íntimo muito mais intenso e superior às necessidades femininas. À mulher cabe a responsabilidade de, além de entender a traição, investir na sua aparência física para satisfazer este instinto. Nos discursos das raparigas verificou-se que após descobrirem as traições se produzem mais visualmente (e.g. maquilhagem e roupa) no sentido de se tornarem, segundo elas, mais atrativas para o companheiro. Esta situação faz erguer a hipótese de existir uma pressão social que coloca sobre a mulher a responsabilidade da procura por parte do companheiro de alguém mais satisfatório e germinar nela um sentimento de incapacidade que poderá gerar autculpabilização pela traição. Esta disposição vai ao encontro do que Tavares (2011) defende no seu estudo, ou seja, com a ideia de que o ofensor inverte os papéis de tal forma que a vítima gera a crença de que procedeu de forma a provocar a situação. Neste aspeto propomos também como fundamento a própria noção de inferioridade histórica e cultural verificada relativamente à mulher cabo-verdiana (Carvalho, 2010). Já na situação inversa, de traição por parte da rapariga, verifica-se que esta é muitas vezes motivada como forma de resposta ao comportamento do com-

panheiro e que esta situação já é vista como falta de respeito e motivo para humilhação social do rapaz.

Quanto às práticas de namoro propriamente dito, nomeadamente o comportamento afetivo, este caracteriza-se pela reduzida visibilidade social, restringindo-se a locais escondidos. Verifica-se uma associação entre demonstrações afetivas e vergonha, fazendo com que o namoro seja remetido para a esfera privada. Levanta-se a questão da possibilidade dos afetos serem vistos como algo vergonhoso e, se assim for, poderá ser importante entender os limites da exposição deles; e ainda, de onde vem esta representação do afeto com necessidade de estipulação de limites. Neste contexto, colocamos como hipótese explicativa as representações sociais de género vigentes nesta sociedade e a própria cultura sexista que, pelos dados recolhidos, aponta para que desde tenra idade existam limitações afetivas, embora mais delimitadoras para os rapazes. Esta situação de desigualdade de género tem sido também constatada e indicada por estudos cabo-verdianos que dão conta de preocupantes números de violência baseada no género, nomeadamente de casos de violência doméstica (United States Department of State, 2013). Sendo que relativamente às relações sociais de género ao nível da violência doméstica também se apurou que a conceção de respeito, numa relação por parte de um homem sobre uma mulher não leva a questão para o campo da fidelidade, mas sim para a invisibilidade social dos relacionamentos extraconjugais ou apenas para que a situação ocorra longe do olhar da companheira. Nestes relacionamentos verifica-se que há uma tendência para um padrão de traições na relação e que os rapazes, e a própria sociedade, encobrem os relacionamentos paralelos e aceitam-nos, mais uma vez sob a justificação da natureza masculina. Logo, tal como se mostrou ocorrer na fase do namoro, há tendência para o homem manter relacionamentos múltiplos e um relacionamento fixo. Nesta expressão comportamental levanta-se como hipótese explicativa a possibilidade de haver uma reprodução dos rapazes do padrão relacional do progenitor.

Quanto à violência género em si, é em Cabo Verde um fenómeno encoberto. Constatando-se, segundo os relatos, que as entidades policiais ainda apresentam bastantes lacunas na abordagem das denúncias, revelando que há tendência para culpar a vítima ou simplesmente ignorar a situação.

No tocante a relações sociais de género de forma geral, verificou-se que a distinção entre sexos se estende às práticas educativas. Relativamente às raparigas, estas são educadas sem diálogo sobre questões íntimas, com medo da figura paterna e ainda tendo como base o dever de serem respeitadoras. Os rapazes, por oposição, são encetados a pôr limites às raparigas nas suas relações. Portanto, revela-se mais uma vez que, dos diferentes sexos, são espec-

táveis socialmente diferentes posturas, verificando-se um padrão de supremacia masculina socialmente vigorante (Fernandes, 2012).

Parte III.

Conclusões

O presente estudo propôs-se a aprofundar o conhecimento científico acerca das vivências juvenis em Cabo Verde, com especial enfoque nas experiências da intimidade juvenil. Deste estudo foi possível concluir que estes jovens atualmente se inserem num quadro social de desenvolvimento marcado pela violência de forma genérica, e que esta postura se alarga às suas relações na intimidade. Verificou-se ainda que os relacionamentos interpessoais destes jovens são particularmente regidos por assimetrias sociais de género, transpostas por sua vez para as suas relações e que derivam das representações sociais vigentes.

Este estudo mostra que, tal como foi anteriormente descrito, esta comunidade juvenil é revestida de violência na intimidade a níveis preocupantes, caracterizáveis pelo mutualidade na perpretação e vitimação. Porém, contrariamente às indicações anteriores, que defendem que a banalização e legitimação da violência não são muito comuns nesta população, neste estudo verifica-se que há uma forte tendência para que ambos os sexos não identifiquem algumas práticas com carácter violento; que os homens legitimem a violência para “colocar a mulher no lugar” e que assumem um dever corretivo perante as mulheres.

Nesta investigação, segundo o conteúdo dos discursos, fica claro que socialmente, mulheres e homens têm direitos e deveres distintos, embora formalmente reconheçam que os papéis são iguais. Assim, aos homens cabe controlar e estabelecer regras às mulheres e estas cabe estar dentro dos limites que lhe são impostos. Nas relações, especificamente as raparigas, mesmo demonstrando o seu descontentamento perante situação de multiplicidade de companheiras, são levadas a naturalizar a situação pela representação social de que a “natureza” do homem o impele a estas situações, ideia esta que vigora socialmente.

A investigação conclui ainda que as próprias práticas educativas são distintas e limitadoras. Verificando-se um tabu relativamente às raparigas e às questões da intimidade, preparando os meninos no sentido de imporem o respeito masculino e praticarem a sua natureza, levando-os a olhar para os relacionamentos como uma necessidade vital e uma prova de saúde masculina.

No que respeita a investigações futuras parece importante a realização de uma maior exploração, no sentido de entender a base da diferença comportamental verificada neste estudo por parte dos rapazes relativamente à expressão de sentimentos/afetos, uma vez que se verificou que em Portugal, nas suas relações estes fazem demonstrações românticas que se negam a fazer no seu país.

Esta pesquisa conduz à necessidade de olhar as novas tecnologias como mais um veículo de violência, bastante entranhado nesta população, sugerindo-se que futuramente seja estudado, com especial enfoque nas redes sociais dado que se verificou ter bastante peso em dinâmicas de controlo e ciúme, aparentando ser causador de muitos problemas nas relações de namoro.

Relativamente ao processo de construção da investigação existiram algumas limitações, começando pela literatura acerca do tema estudado na população cabo-verdiana, que é escassa; encontrar jovens imigrantes cabo-verdianos, e posteriormente conciliar a disponibilidade de todos/as para fazer os *focus* grupais.

Posto isto, de uma forma geral os objetivos a que o estudo se propôs obtiveram resposta embora durante a sua realização, devido aos dados conseguidos nos relatos, tenham sido necessário proceder a ajustes, sobretudo pela informação conseguida e a riqueza da mesma.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, R. (2000). Political participation of Luso-African youth in Portugal: some hypothesis for the study of gender. *Papers*, 60. Retirado de: <http://ddd.uab.cat/pub/papers/02102862n60/02102862n60p167.pdf>
- Álvaro, J. & Garrido, A. (2007). *Psicologia Social: Perspectivas Psicológicas e Sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Andall, J. (2008). Cape Verdeans in Italy. In Luis Batalha & Jorgen Carling (Eds.) *.Transnational Archipelago: Perspectives on Cape Verdean Migration and Diaspora*, 81-90. Retirado de http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=fxLgFUGoARMC&oi=fnd&pg=PA81&dq=Andall+2008+immigration&ots=xi9otjOkne&sig=loPtpXZ3w0zehA2Z6m0FhEvNyg&redir_esc=y#v=onepage&q=Andall%202008%20immigration&f=false
- Balista, C., BASSO, E., Cocco, M., & Geib, L. (2004) - Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica. *Revista de Enfermagem*. 6(3) 350-357
- Bandura, A. & Walters, R. (1963). *Social learning and personality development*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Bandura, A. (1973). *Social learning theory*. New York: Prentice-Hall.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barroso, Z. (2008). *Violência nas Relações Amorosas*. VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa. Retirado de: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/597.pdf>
- Batalha, L. (2004). Contra a corrente dominante: Histórias de sucesso entre cabo-verdianos da segunda geração. *Etnográfica*, 8 (2), 297-333

- Batalha, L. (2008). Cabo-verdianos em Portugal: “Comunidade” e identidade. In Pedro Góis (Eds.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas face da imigração cabo-verdiana, coleção comunidades*. Lisboa, Alto Comissário para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Beiser, M., Wood, M., Barwick, C., Berry, J., daCosta, G., Milne, W., Fantino, A., Ganesan, S., Lee, C., Tousignante, M., Naidoo, J., Prince, R., & Vela, E. (1988). Mental health issues affecting immigrants and refugees. Ottawa: Health and Welfare Canada.
- Cabecinhas, R. & Amâncio, L. (2004). *Dominação e exclusão: representações sociais sobre minorias raciais e étnicas*. Actas do V Congresso Português de Sociologia: *Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*, Universidade do Minho, Braga, 12-15 de Maio de 2004
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas Violentas: Uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpe-tração. *Análise Psicológica*, 24 (4), 485-493.
- Carling, J. (2002). Migration in the age of involuntary immobility: Theoretical reflections and Cape Verdean experiences. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. Advanced online publication. **doi:** 10.1080/13691830120103912
- Carling, J. (2004) Emigration, return and development in Cape Verde: the impact of closing borders. *Population, Space and Place*. doi: 10.1002/psp.322
- Carling, J. & Akesson, L. (2009). Mobility at the Heart of a Nation: Patterns and Meanings of Cape Verdean Migration. *International Migration*. doi: 10.1111/j.1468-2435.2009.00526.x
- Carvalho, M. (2010). *A participação da mulher na vida de cabo Verde*. Ermesinde: Edições Ecopy

- Carlson, B. (1999). Student judgments about dating violence: a factorial vignette analysis. *Research in Higher Education, 40*, 201-218.
- Coelho, C., & Machado, C. (2010). Violência entre jovens: prevenção através da educação por pares. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Braga: Escola de Psicologia da Universidade do Minho.*
- Correia, C. & Neves, S. (2011). Ser brasileira em Portugal – uma abordagem às representações, preconceitos e estereótipos sociais. In V. Oliveira, E. Leandro, & J. Amaral (Eds.). *Migração: múltiplos olhares*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas, 1*, 171-88.
- Cruchinho, A. (2012). *A Violência no Namoro em Jovens Portugueses/as e Estrangeiros/as (Dissertação de mestrado)*. Instituto Superior da Maia, Maia.
- Dias, A. (2006). *Discursos culturais e violência conjugal: o olhar dos media sobre a mulher as relações de género e a violência- de 1965 a 2006 (Dissertação de mestrado)*. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga.
- Dias, A. & Machado, C. (2008). Género e violência conjugal: Uma relação cultural. *Análise Psicológica, 26* (4). http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S087082312008000400004&script=sci_arttext
- Dias, A. & Machado, C. (2011). Amor e violência na intimidade: da essência à construção social. *Psicologia & Sociedade, 23* (3), 496-505.
- Dicken, W. & Lang, K. (1988). Neoclassical and Sociological Perspectives on Segmented Labor Markets. In G. Farkas, & P. England (Eds.), *Industries, firms and jobs: sociological and economic approaches* (65-88). Texas: Springer US.
- Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2013). Perfil do Aluno 2011/2012. Retirado de <http://www.dgeec.mec.pt>

- Fernandes, I. (2012). *Representação da violência de género contra a mulher nos jornais de Cabo Verde : uma análise de conteúdo de A semana, A nação e Expresso das ilhas (Dissertação de mestrado)*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Ferreira, L. (2008). O direito ao sucesso educativo: jovens cabo-verdianos no contexto educativo português. In. P. Góis (Eds.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*. Lisboa, Alto Comissário para a Imigração e Diálogo Intercultural .
- Fischer, G. N. (2002). *Os Conceitos fundamentais da Psicologia Social*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Garrido, V. (2002). *Amores que matam- Assédio e violência contra as mulheres*. Cascais: Principia.
- Gelles, R.J. (1997). *Intimate violence in families*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Gibau, G. (2005). Contested Identities: Narratives of Race and Ethnicity in the Cape Verdean Diaspora. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 12 (3). 405-438.
- Góis, P. (2006). *Emigração cabo-verdiana para (e na) Europa e a sua inserção em mercados de trabalho locais: Lisboa, Milão, Roterdão. (Dissertação de mestrado)*. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Góis, P. Batalha, L. Mendes, P. Oliveira, C. Marques, J. Cidra, R. Monteiro, C. Grassi, M. Barbosa, C. Ramos, M. Ferreira, L. Cardoso, K. Freitas, C. Farelo, R. Åkesson, L.(2008). *Comunidade (s) Cabo-verdiana(s): As Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana*. Alto comissariado para a Imigração e Diálogo intercultural (ACIDI, I.P.). Retrieved from http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Coleccao_Comunidades/2_comunidades_cabo_verdianas.pdf.

- Gomes, N., Diniz, N., Araújo, A. & Coelho, M (2009) Compreendendo a violência de género a partir de categorias de género e de geração. In *Actas Paulistas Enfermagem*, 20(4), 504-508
- Grassi, M. (2006). *Cabo-Verde pelo mundo: O género e a diáspora Cabo-Verdiana*. Instituto de Ciências Sociais Universidade de Lisboa. Lisboa. Retirado de http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_6.pdf.
- Guerra, I. (2006) Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – sentido e formas de uso. Estoril: Príncípa Editora, Lda.
- Haas, H. (2008) Migration and Development: A theoretical perspective. *International Migration Institute- University of Oxford*,9, 1-61.
- Hamberger, L. & Holtzworth-Munroe, A.(1994) Partner violence. In F. Dattilio, & A. Freeman (Eds.), *Cognitive behavioral strategies in crises intervention* (302-322). New York: Guilford Press.
- Horta, A. & Malheiros, J. (2004). Os cabo-verdianos em Portugal: Processo de consolidação, estratégias individuais e acção colectiva. *Estratégia – Revista de Estudos Internacionais*, 20, 83-103.
- ICIEG (2006) *Dados da violência baseada no género em Cabo Verde*. Retirado de <http://www.icieg.cv/article/37>
- Jackson, J. (1991) *Migrações*. Lisboa: Escher
- Jodelet, D. (1984). Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In. *S. Moscovici (Eds.). Psychologie sociale.(357-378) Paris: PUF.*
- Jodelet, D.(1989).*Les représentations sociales*. Retirado de <http://classiques.uqac.ca>

- Kilpatrick, D. (2004). What Is Violence Against Women: Defining and Measuring the Problem. *Journal of Interpersonal Violence*. Advance online publication. doi: 10.1177/0886260504269679
- Lima, R. (2011). Thugs: vítimas e/ou agentes da violência? *Instituto Superior de Ciências Jurídicas e Sociais*. Retirado de <http://hdl.handle.net/10961/3236>
- Lisboa, M., Carmo, I., Vicente, L. & Nóvoa, A. (2003). Os custos sociais e económicos da violência contra as mulheres. *Ditos e Escritos*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Lobo, A. (2006). *Tão Longe e Tão Perto. Organização família e emigração feminina na Ilha de Boa Vista - Cabo Verde. (Dissertação de Doutoramento)*. Universidade de Brasília
- Lucas, S. (2002). *A agressividade no namoro de adolescentes (Dissertação do II curso de mestrado na especialidade de sexologia)*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Machado, L. (1994) Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade *Sociologia, Problemas e Práticas*, 16. Retirado de <http://hdl.handle.net/10071/925>
- Machado, F. & Abranches, M. (2005) Caminhos limitados de integração social: trajectórias socioprofissionais de cabo-verdianos e hindus em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 48. Retirado de http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S087365292005000200006&script=sci_arttext
- Machado, F. (2008). Filhos de imigrantes africanos no mercado de trabalho: acessos, perfis e trajectos, *Migrações*, 2, 121-158.
- Magalhães, T. (2010). *Violência e abuso*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- Mahlstedt, D. & Welsh, L. (2005). Perceived causes of physical assault in heterosexual dating relationships. *Violence Against Women*. Advance online publication. doi: 10.1177/1077801204273298
- Maio, R. (2010) *Projeto Rua da Esperança: projeto de apoio ao imigrante sem-abrigo. (Dissertação de mestrado)* Instituto Superior de Ciências Sociais- Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Mama, A.(2010). Será ético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa académica e liberdade. In B. Santos, & M. Meneses (Eds), *Epistemologias do Sul* (pp. 603-637). São Paulo: Cortez
- Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher (Dissertação de Doutoramento)*. Universidade do Minho, Braga.
- Mendes, F. (2006) *Percursos de violência: da família de origem à conjugalidade. Um estudo com jovens adultos a frequentar o ensino superior (Dissertação de Mestrado)*. Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto, Porto
- Mourato, I. (2011) *A política de cooperação portuguesa com os PALOP: contributos do Ensino Superior Politécnico. (Dissertação de mestrado)* Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Faculdade de Ciência Política, Lusofonia e Relações Internacionais. Lisboa.
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais : investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Neto, F. (1998) *Psicologia Social..* Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F. (2000) *Psicologia Social*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Neves, S. (2008) Amor, poder e violência na intimidade: os caminhos entrecruzados do pessoal e do político. Coimbra: Quarteto.
- Nogueira, C. & Oliveira, J. (2010). Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género. Porto: CIG.
- Oliveira, M., & Sani, A. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6. Retirado de <http://hdl.handle.net/10284/1325>
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004) Abuso no relacionamento íntimo: Estudos de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107
- Pedreira, I. (2013) Estudantes da CPLP no ensino superior em Portugal: Tendências de evolução e perfis sociais. (Dissertação de mestrado) ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa: Lisboa.
- Peixoto, J. (2004) . As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas. *SOCIUS Working Papers*,11. Retirado de <http://pascal.iseg.ulisboa.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200411.pdf>
- Peixoto, J. (2008), Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências, in Peixoto, J. (Eds.), *Revista Migrações*, 2, 19-46.
- Pinheiro, F. (2011). *Violência no namoro entre jovens imigrantes cabo-verdianos em Portugal*. (Dissertação de mestrado) Instituto Superior da Maia, Maia.
- Ravenstein, E. (1885) The laws of migration. *Journal of the statistical society of London*, 48 (2). 167-235.

- Reich, M., David, M. & Edwards, R. (1973) A theory of labor market segmentation. In *American Economist Association* (Eds.) *The American Economic Review* (pp. 359-365) retirado de <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1817097?uid=3738880&uid=2134&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21104242741797>
- Neves, S. & Fávero, M. (2010) *Vitimologia: Ciência e ativismo*. Coimbra :Almedina
- Ribeiro, M. & Sani, A. (2008) As crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal. *Edições Universidade Fernando Pessoa*. Retirado de <http://hdl.handle.net/10284/909>
- Rocha-Trindade, M. (2003) A realidade da imigração em Portugal. In Alto Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas (Eds.), *I Congresso Imigração em Portugal: Diversidade – Cidadania - Integração* (pp.172-184). Retirado de <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/pdf/Actas%20CongressoIm.pdf#page=171>
- Schwartz, M. D., & DeKeseredy, W. S. (1997). *Sexual assault on the college campus: The role of male peer support*. Sage Publications.
- Saffioti, H. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, (16), 115-136. Retirado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332001000100007&lng=en&tlng=es.10.1590/S0104-83332001000100007.
- Samson, A. (2010) *A violência doméstica- aprenda a identificar situações de abuso e a ser feliz*. Lisboa: Livros de Seda
- Santos, J. Mendes, M. Rego, C. & Magalhães, M. (2006). Imigrantes cabo-verdianos em Portugal: integração e sua percepção em relação aos portugueses. *1º Congresso de desenvolvimento regional de Cabo Verde, 2º Congresso Lusófono de ciência regional*. Cabo Verde.
- Sasaki, E. & Assis, G. (2000). Teorias das migrações internacionais. *XII Encontro Nacional da ABEP*.

Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Relatório. Anual de Imigração 2013. Retirado de <http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa%202012.pdf>

Silva, C. (2011). Relações de poder e violência contra as mulheres na intimidade: Análise a partir da percepção das vítimas. Congresso Afro Luso Brasileiro de Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, Brasil.

Sorenson, S. & Taylor, C. (2005). Female aggression toward male intimate partners: an examination of social norms in a community-based sample. *Psychology of Women Quarterly*, 29, 78-96

Souza, M (1978) Mercado de trabalho: Abordagens Duais. *Revista de Administração de Empresas*, 18(1), 59-69.

Subuhana, C. (2009). A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona do Brasil: entremeando histórias. *Pro-Posições*, 20(1). Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n1/v20n1a07>

Tavares, S. (2011). *Desistindo da denúncia: experiências de mulheres vítimas da violência por parceiros íntimos. (Dissertação de Mestrado)*. Universidade Jean Piaget de Cabo Verde. Cidade da Praia.

Tong, A., Sainsbury, P. & Craig, J. (2003) Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6). 349–357.

Towns, A., & Adams, P. (2000). “If I Really Loved Him Enough, He Would Be Okay” Women's Accounts of Male Partner Violence. *Violence Against Women*, 6(6), 558-585.

United States Department of State (2012) *Country Reports on Human Practices- Cape Verde* retirado de <http://www.refworld.org/docid/517e6e55c.html>

Vala, J. & Monteiro, M. (2006). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vicente (1998) *As Mulheres em Portugal na Transição do Milénio. Valores — Vivências — Poderes nas Relações Sociais entre os Dois Sexos*. Lisboa, Multinova

Walker, L. (2009) *The Battered Woman Syndrome*. Retirado de http://www.google.pt/books?hl=ptPT&lr=&id=SX4fDoqCdhcC&oi=fnd&pg=PR5&dq=the+battered+woman+walker&ots=k7zdUHUBz&sig=8GAFZlvRyzBfnts9wBavLjPO5k8&redir_esc=y#v=onepage&q=the%20battered%20woman%20walker&f=false

Wood, J. (2001). The normalization of violence in heterosexual romantic relationships: Women's narratives of love and violence. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18(2), 239-261.